

Exigir Para já o Reatamento Com a U. R. S. S.

REUNIDOS em sua IV Convenção, os industriais paulistas adotaram unanimemente uma resolução pleiteando do govêrno a ampliação de nosso comércio exterior por meio do intercâmbio comercial direto com a U.R.S.S., a China e os países de democracia popular do Leste europeu. No debate e justificação da proposta, apresentada pela delegação de Sorocaba, veio à baila, mais uma vez, a gravíssima situação de nosso comércio exterior, monopolizado pelo mercado americano, o que cria uma situação insustentável para a economia nacional e leva à bancarrota a produção e o comércio de um produto tão importante como o café.

Idêntico pronunciamento foi feito, na mesma ocasião, pelos dirigentes do Centro do Café do Rio de Janeiro. Este veio juntar-se aos reclamos partidos dos mais variados setores da lavoura, da indústria e do comércio, todos a exigir uma saída imediata para a asfixia a que vêm sendo submetida a economia nacional pelo insuportável controle exercido pelos norte-americanos sobre o comércio exterior do Brasil e a acentuada ingerência dos trustes ianques na vida interna do país, como o demonstraram as recentes manobras do embaixador Kemper contra o café brasileiro. E todos concordam que essa saída, saída prática e viável, só pode ser uma: estabelecer relações comerciais com o mercado socialista. Trata-se de um mercado que abrange a mais de um terço da população terrestre e cujo poder de produzir e comprar cresce aceleradamente de ano para ano.

São, assim, as próprias camadas mais abastadas da população que sentem na prática o agulhão da dominação americana e a necessidade inadiável, para sair do atoleiro, de reatar relações com a grande potência socialista, a pujante União Soviética. Seu pedido de imediato intercâmbio com a U.R.S.S. condiz com os interesses fundamentais da nação e reforça a exigência de nosso povo de relações pacíficas e amigáveis com a União Soviética, a China Popular e todos os países socialistas e democráticos. O povo brasileiro sabe que a U.R.S.S. é a maior amiga dos povos que lutam por sua independência e emancipação. Seus interesses não contrariam, mas coincidem com os dos demais povos. O povo brasileiro sabe que estabelecer relações com a U.R.S.S. é um ato em favor da paz, um fator importante na luta pelo entendimento entre as nações, independentemente de seus regimes internos.

A grave situação hoje criada, e que impõe o reatamento de relações com a União Soviética, foi prevista, há anos, pelo Partido Comunista. Já em novembro de 1952 dizia Luiz Carlos Prestes, em entrevista à imprensa popular: «Os acontecimentos comprovam, assim, mais uma vez, que a razão estava com os comunistas e que quando nosso Partido levanta uma palavra-de ordem, ao contrário do que dizem nossos inimigos, não estamos fazendo mera agitação ou propaganda ideológica, mas lutando fundamentalmente pelos supremos interesses da nação».

Hoje, transcorridos mais dois anos, são os próprios industriais e comerciantes que proclamam de público a necessidade do restabelecimento de relações com a U.R.S.S. Essa medida é hoje uma exigência de todas as forças nacionais, de todo o povo. Contra ela coloca-se apenas um punhado de agentes dos trustes norte-americanos, fantoches da embaixada americana, que preferem a derrocada do país a contrariar os desejos de seus amos. Mais do que nunca, a opinião pública, todos os setores interessados, devem reclamar o imediato reatamento de relações com a U.R.S.S. por todos os meios. A vontade e a força do povo podem e devem predominar sobre os interesses mesquinhos dos pigmeus que tentam desesperadamente deter a luta do Brasil por sua emancipação.

VOZ OPERÁRIA

N. 288 ★ Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1954



União patriótica contra

Esse Govêrno de Liquidação dos Direitos e Conquistas do Povo Brasileiro

NESTE
NUMERO:

Sob o Terror Imperialista os Trabalhadores da Guatemala Continuam a Luta Unitária em Defesa de Seus Direitos

A C.G.T.G. lançou um importante apelo à classe operária do país irmão, ao passo que Castillo Armas ameaça com novos fuzilamentos

O GOVERNO GUATEMALTECO, após a recente farsa das eleições, vai completando a entrega do país aos agressores norte-americanos. Uma das medidas mais recentes, a esse respeito, é a entrega das riquezas petrolíferas que se segue à anulação da reforma agrária. Há dias, dentro dos termos da nova legislação, a United Fruit Company solicitou que lhe fossem devolvidas as terras que mantinha devolutas e pelas quais recebeu indenização no devido tempo.

A agressão lanque à Guatemala visa, sobretudo, aos trabalhadores que, pela primeira vez na História do país obtiveram liberdade e respeito a seus direitos, no regime democrático destruído. Todavia, nas difíceis condições criadas pelo terror sistematicamente usado contra os patriotas, as organizações dos trabalhadores adotam novas formas de luta e se vão reconstituindo pouco a pouco.

Ainda recentemente a Confederação Geral dos Trabalhadores da Guatemala, por motivo do terceiro aniversário de sua constituição, um dos mais importantes passos do movimento unido dos trabalhadores, lançou uma proclamação a todo o povo, na qual analisa os motivos principais da queda do governo Arbenz. Diz o referido documento, em certa passagem:

«A classe operária e os camponeses da Guatemala, através de suas centrais sindicais e de sua estreita aliança, puderam chegar a con-

cretizar importantes reivindicações de âmbito nacional, instando o Governo do presidente Arbenz a que levasse a cabo obras básicas para nosso desenvolvimento econômico e para o progresso do povo e apresentando — em conjunto com as demais organizações representativas das forças democráticas —, uma frente comum de resistência contra a ameaça crescente e cada vez mais agressiva do imperialismo.

«Nos últimos acontecimentos provocados pela intervenção, muita amargura teria sido evitada a nosso povo guatemalteco e este contaria atualmente com uma garantia mais sólida para todas as suas conquistas, se as camarilhas reacionárias do Exército tivessem permitido a entrega das armas

A violência e a traição não minaram a classe operária guatemalteca. A ocupação transitória de seu país pelos mercenários da United Fruit constitui, antes, para ela, uma experiência histórica dolorosa mas útil que a leva a corrigir os erros que sua Central sindical apresenta com franqueza ao povo. A unidade que desempenhou até agora um papel essencial torna-se mais importante ainda e é suficientemente forte para alcançar vitórias mesmo sob um regime de terror. Nesse sentido, a grande greve dos trabalhadores hondurenhos, que durante mais de dois meses paralisou os trabalhos nas plantações do truste lanque, obrigando-o a reconhecer direitos até então desrespei-



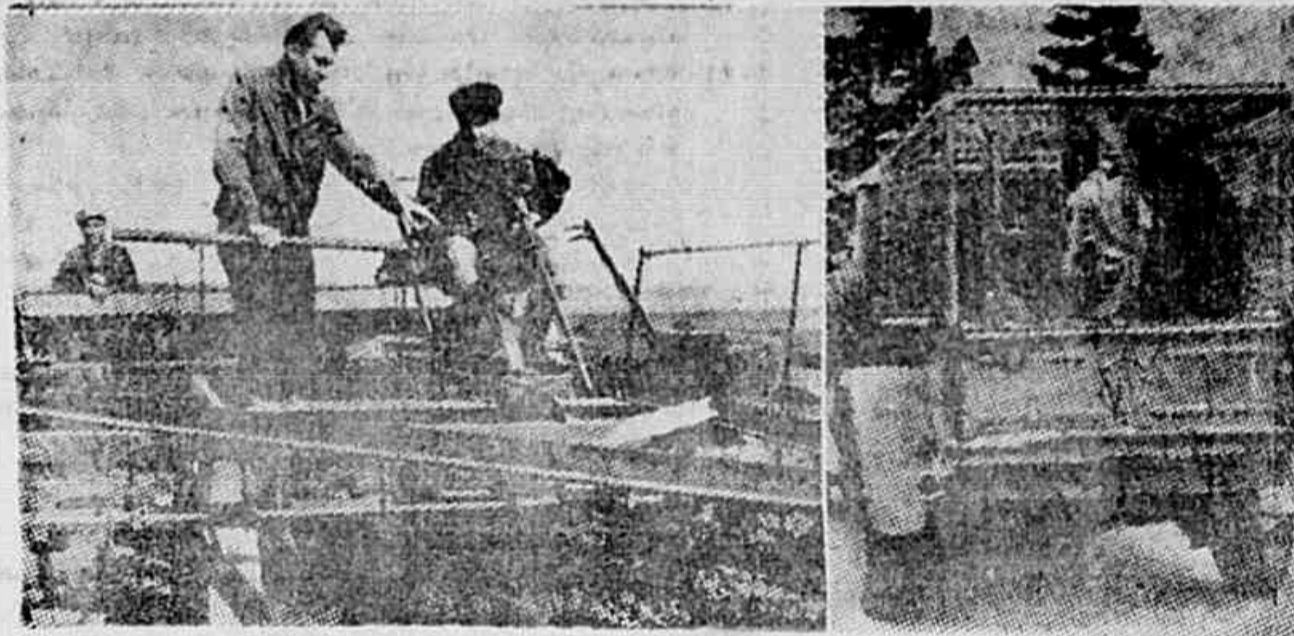
aos operários e camponeses e a todos os patriotas que as pediam para defender a soberania nacional, a independência da Guatemala e a revolução de outubro».

Depois de expor diversos aspectos da agressão norte-americana e da traição dos setores reacionários das forças armadas guatemaltecas que compactuaram com os inimigos da pátria, ressalta a C.G.T.G. que:

«As forças democráticas perderam uma batalha porque impediram-nas de lutar, mas que isto não significa que esteja perdida a causa

de nosso povo que nem a possibilidade de defender e de recuperar suas principais conquistas. A classe operária e os camponeses — diz a declaração — continuam lutando para reconstruir suas organizações; para mantê-las livres de qualquer influência perniciosa e contrária a seus interesses; lutam os operários e os camponeses contra todos aqueles setores que só se aproveitam do movimento operário para pô-lo a serviço da burguesia e de outros inimigos da classe operária».

Admissão de Novos Membros na ONU



Para os imperialistas norte-americanos a República Popular da Romênia não satisfaz a Carta da ONU e o governo racista da África do Sul é plenamente satisfatório. Qual a realidade? Na Romênia libertada o povo é livre, entrega-se ao trabalho pacífico e criador. Na África do Sul, a população negra, verdadeira dona do país, é privada de todos os direitos, impera o racismo mais feroz.

NA Assembléia Política da O.N.U. os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França acabam de sofrer uma derrota na questão relativa ao ingresso de novos membros naquele organismo internacional. Por maioria de um voto, a Comissão Política mandou ao Conselho de Segurança os projetos de resolução que lhe foram apresentados.

Essa questão processual tem, todavia, grande importância. Reflete, na mais importante comissão da O.N.U., a resistência contra o "diklat" que as três grandes potências ocidentais pretendem impor. Como se sabe, há muitos anos uma série de países, entre os quais Portugal, Itália, Japão, Romênia, Bulgária, Hungria, Finlândia pleiteiam ingresso.

A posição soviética é conhecida: a U.R.S.S., a fim de afastar os impedimentos que tem impedido a aprovação dos candidatos pelo Conselho de Segurança defende a entrada conjunta dos quatorze candidatos. Os imperialistas, porém, não aceitam nenhum acordo. Para eles deve ser aceita a inclusão de todos os países de seu bloco, e negada a admissão dos países de democracia popular. Dessa maneira, sobre enfraquecer a O.N.U. em seu conjunto, prejudicam seus próprios aliados e dependentes. Nações que englobam milhões de seres humanos continuam, assim, sem representação na O.N.U. devido à intransigência dos

delegados dos países principais do "bloco do Atlântico". Essa tese é que procuraram impingir à Comissão Política que, todavia, ratificou o ponto-de-vista soviético.

Os prejuízos que isso traz para o reforço da segurança mundial tornam-se ainda mais evidentes quando se leva em conta o caso da China que continua a ter seu lugar usurpado por representantes da camarilha de Taipei.

Não é necessário acrescentar que o representante do governo Café apoiou integralmente, a exemplo de seus antecessores, as teses e as violações propostas pelos norte-americanos. Maciel Filho endossou as declarações lanques de que os países de democracia popular não "preenchem as condições exigidas pela Carta". Ora, a Carta da O.N.U. especifica que para ser membro da organização os países devem ser independentes, realizarem uma política de paz e de colaboração amistosa com todos os outros povos e manterem internamente regimes contrários ao fascismo. Logo se vê, portanto, que precisamente os Estados do campo da paz são os que mais concretamente preenchem aquelas exigências que, se de fato fossem cumpridas, integralmente, colocariam em maus lençóis candidatos como Portugal e Itália e países membros como o Brasil e Estados Unidos.



UMA PROPOSTA CONCRETA DE PAZ NA EUROPA

«ESTAMOS prontos a discutir o não rearmamento da Alemanha Ocidental somente após havê-la rearmado; discutiremos a unidade alemã e sua democratização depois de ratificarmos os tratados que consagram a sua divisão e o fascismo; falaremos em acordo europeu, depois de dividirmos a Europa em dois blocos hostis». Afirmamos como essas constituem a essência, quando não a própria forma, das múltiplas manifestações das chancelarias «atlânticas» a propósito da reunião proposta pela União Soviética a 29 do corrente, para os assuntos da segurança europeia, e da qual devem participar todos os Estados europeus, além dos Estados Unidos da América e da República Popular da China, essa como observadora.

Diante do perigo crescente do rearmamento alemão, problema decisivo para a Europa e para o mundo, o governo soviético realiza um novo esforço visando a encontrar uma solução pacífica para os assuntos em litígio. Não existem antagonismos entre os povos da Europa. Os povos europeus desejam, sobretudo, garantir um ambiente pacífico e democrático, que lhes permita assegurar a independência nacional e impulsionar o progresso.

Ora, a experiência demonstra que não haverá nem paz, nem democracia, nem independência dos povos europeus realmente assegurada, em seu conjunto, se aquelas classes reacionárias da Alemanha, responsáveis principais pelo desencadeamento de duas guerras mundiais no espaço de uma geração não forem impedidas de agir contra o próprio povo alemão e seus vizinhos do Leste e do Oeste. Precisamente por isso é que os acordos realizados durante a guerra partem de premissa do desarmamento alemão, da democratização da Alemanha e da manutenção da unidade nacional alemã.

Franceses e ingleses, italianos, húngaros, austríacos, tchecos, soviéticos, poloneses, assim como noruegueses, búlgaros, rumenos e finlandeses, enfim, todos os povos europeus sentiram diretamente, em suas próprias carnes os malefícios e a bestialidade do imperialismo alemão durante a segunda guerra mundial. Esses povos recusam unanimemente a restauração da Wehrmacht, dez anos depois de ter sido abatida. O povo alemão que foi, depois do soviético, o mais sacrificado na última guerra se recusa também ao papel de tropa mercenária, destinada a verter sangue em benefício dos barões do Ruhr e da alta finança anglo-norte-americana, como atestam as ações de massa e as recentes resoluções do Conselho de Sindicatos da Alemanha Ocidental.

Os recentes acordos de Londres e Paris fazem, todavia, fábula rasa de todos esses fatos históricos. Condenam a Alemanha Ocidental ao fascismo e o conjunto da Alemanha à divisão; criam, no seio da Europa, um Estado revanchista que constitui ameaça direta a todos os seus vizinhos e põe em perigo os destinos da própria nação alemã.

As propostas que a União Soviética tem feito repetidas vezes sobre a segurança europeia, e nas quais se enquadra o atual convite para uma conferência geral, ressaltam, ao mesmo tempo, a segurança da Europa e o futuro da Alemanha. Ainda recentemente, o povo da França infligiu derrota categórica aos propugnadores do rearmamento da Alemanha e, nessa, igualmente, acentuam-se os fatores contrários aos políticos da categoria de Adenauer que pretendem transformar a mais populosa nação do Ocidente europeu em praça forte e em reservatório de soldados mercenários.

A Alemanha adenaurista, partidária da desforra, constitui o maior perigo para a paz europeia. Ela ameaça particularmente aqueles Estados mais débeis sobre os quais os generais prussianos poderão despejar novas divisões com a anuência dos seus próprios governantes vendidos. O tom ameaçador que já é usado em relação à França não deixa dúvidas, por exemplo, sobre os planos a curto prazo que são cuidadosamente acariciados na chancelaria de Bonn. Quanto à Áustria, um recente acordo da Corte Suprema da Alemanha Ocidental atestou, irrefutavelmente, a justiça das declarações soviéticas em Berlim, recusando-se a retirar a totalidade das suas tropas da Áustria devida à ameaça de novo «anschluss»: os juizes decidiram que as leis hitleristas que consideram os austríacos como cidadãos alemães continuam em pleno vigor.

As propostas soviéticas se dirigem a todos os governos mas, também, a todos os povos. Ao mesmo tempo em que abrem perspectivas concretas de paz, reclamando negociações imediatas, em lugar de fatos consumados, definem novamente as responsabilidades e caracterizam os que de fato se recusam, ao menos, a debater as possibilidades de paz e segurança na Europa. Por isso mesmo transcendem o âmbito de uma medida normal em diplomacia e se destinam à maior repercussão nos acontecimentos posteriores, ainda que venham a ser rejeitadas pelos grupos mais agressivos.

Pensamento e Coração Dos Povos Reunidos na Capital da Suécia

EXAMINA O CONSELHO MUNDIAL DA PAZ AS NOVAS TAREFAS DA LUTA DA HUMANIDADE CONTRA A DESTRUIÇÃO ATÔMICA

ENCONTRA-SE reunido, em Estocolmo, o Conselho Mundial da Paz. Participam dos trabalhos delegações de quase todos os países, inclusive o Brasil. A convocação da presente reunião foi decidida na última sessão do Birô do Conselho Mundial da Paz, realizada em setembro deste ano, em Viena.

Em sua declaração final, após a reunião de setembro, o Birô do C.M.P. assinalava as vitórias alcançadas pela causa da paz na Coreia e na Indochina e chamava a atenção para o perigo representado pelo renascimento do militarismo alemão, com a criação de uma nova Wehrmacht e a divisão artificial da Alemanha. A causa ingrata do rearmamento alemão veio a receber um sério golpe com a rejeição do projeto da «Comunidade Europeia de Defesa» (C.E.D.) pelo parlamento francês. Mas as forças imperialistas interessadas em ressuscitar o militarismo alemão não desistiram de seus intentos. Novos projetos, com novas roupagens, foram forjados pelo governo dos Estados Unidos — como a atual «União de Defesa Europeia» — visando a colocar a Alemanha em pé de guerra e criando uma grave ameaça para a causa da paz na Europa e em todo o mundo. Dessa forma, a luta contra o rearmamento alemão e pela unificação pacífica e democrática da Alemanha continua sendo uma preocupação constante dos povos e, portanto, um dos temas em discussão na presente reunião de Estocolmo.

Como conquistar a paz na Europa

Não obstante os manejos das forças belicistas, que agravam a situação internacional e impedem a mais rápida solução pacífica dos problemas mundiais as for-

ças de milhões de partidários da paz lutam tenazmente pelo entendimento entre as grandes potências, pelo isolamento e a derrota dos partidários da guerra. Nesta

luta, contam os povos, permanentemente, com a consequente política da paz da União Soviética, sempre pronta a procurar meios de negociação. Exemplo dessa política é a última proposta, feita pela U.R.S.S., de uma conferência de segurança europeia, com a participação dos Estados Unidos e da China, proposta que tem como objetivo a conclusão de um tratado geral de segurança europeia e que conta com o apoio de todas as pessoas interessadas em salvar o mundo em uma nova e monstruosa hecatombe.

Ameaças à paz na América Latina

Um dos problemas mais importantes em discussão no conclave de Estocolmo, e que consta da ordem-dia, é o da ingerência estrangeira na vida interna das nações da América Latina. Trata-se de um problema que interessa profundamente à causa da paz e é por essa razão que a questão é discutida no Conselho Mundial, que leva em conta fatos, fatos reais e terríveis, como a recente agressão de forças mercenárias, organizadas por trustes norte-america-

nos, contra a Guatemala, com derramamento de sangue e destruição de lares e a perda da independência de uma nação membro da O. N. U. O caso da Guatemala mostrou que a atuação dos trustes ianques na América Latina não constitui assunto interno do continente, pois coloca em perigo a causa da paz e favorece a ação dos belicistas em todo o mundo.

Coexistência ou não existência

A manutenção da paz implica na coexistência de países com regimes sociais distintos e na emulação pacífica entre diferentes sistemas. Na declaração de 15 de setembro de 1954, dizia o Birô do Conselho Mundial da Paz: «A segurança não pode ser garantida num mundo dividido em blocos opostos e mediante coalizões militares. Exige a coexistência pacífica de todos os Estados, qualquer que seja o seu regime político ou sua estrutura social, a cooperação entre todos os Estados, num acordo sobre o desarmamento geral e a proibição das armas de destruição em massa».



ORDEM-DO-DIA DA REUNIAO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

- 1) Cooperação de todos os Estados da Europa na organização de sua segurança comum;
- 2) Situação criada em diversas partes da Ásia por pressões externas e o sistema de blocos e coalizões militares;
- 3) Situação criada na América Latina pela ingerência estrangeira na vida interna dessas nações;
- 4) Ação das forças da paz em favor do desarmamento e da proibição das armas de destruição em massa;
- 5) Preparação de uma assembléia de representantes das forças da paz de todos os países para o primeiro semestre do ano de 1955.

ESTAMOS às vésperas da conferência entreguista do Rio de Janeiro. A 22 de novembro os ministros da Fazenda dos governos títeres da América Latina, os Gudín e seus pares, assessorados pela fina flor do entreguismo nativo, reunir-se-ão sob a batuta dos «bosses» americanos.

Um secretariado geral da chamada Conferência Econômica Interamericana já se acha instalado no Ministério da Fazenda. Lá já estão os técnicos da O. E. A. — Organização dos Estados Americanos — a mesma entidade que os Estados Unidos tentaram sobrepôr à ONU para encobrir sua pérfida e covarde agressão à Guatemala.

Os americanos já decidiram tudo

Uma sistemática campanha de propaganda procura convencer nossos povos de que se tratará de fomentar o de-

Gudin e seus cúmplices na Conferência Econômica Interamericana

Antecipadamente de Acôrdo Com os Patrões Americanos

envolvimento econômico dos países da América Latina, de combater o empobrecimento das populações, a inflação e a miséria. Para tudo isso, como de costume, acena a propaganda financiada pelo Departamento de Estado com a «ajuda» dos Estados Unidos.

Na realidade, não se trata propriamente de uma Conferência, de um debate em que se verificasse o livre encontro de opiniões de representantes de países soberanos. Os americanos ditam as regras e os laços dirão amem. Repetindo a atuação vergonhosa de semelhantes encontros

anteriores os entreguistas brasileiros, desta vez chefiados por Gudín, serão os mais servis porta-vozes dos interesses americanos.

É o que se viu forçada a reconhecer a «Folha da Manhã» de São Pau-

lo, em longa reportagem assinada pelo jornalista Cid Silveira, anunciando uma «ação conjunta» dos governos brasileiro e norte-americano.

Conta, então, que quando Gudín esteve nos Estados Unidos «ve-

rificou» que seus pontos-de-vista «coincidem» com os dos americanos. Em outras palavras — reconheceu a voz do dono...

«Eis por que — diz a referida reportagem — espera-se, o Brasil se-

cundará a posição dos Estados Unidos na Conferência, e nesse caso parece efetivamente desnecessário mobilizarmos uma equipe de especialistas para o exame de problemas com cujas soluções, já previstas pelos norte-americanos e por eles a serem apresentadas, estamos antecipadamente de acôrdo».

Antecipadamente de acôrdo com os americanos — eis a política do governo Café-Juarez-Gudin. Não precisamos de técnicos, ~~de especialistas~~, ~~para os americanos~~ já decidiram tudo. Isto retrata a Conferência.

A quinta espiga de milho...

A propósito dessa conferência entreguista, a publicação americana «Latin América Today» faz um balanço muito elucidativo do que têm sido a «ajuda» norte-americana à América Latina, nos últimos oito anos e meio.

Com dados colhidos em documentos oficiais americanos, aquela autorizada publicação fez o seguinte resumo dos lucros obtidos pelos americanos na América Latina nesse período:

Lucros exportados para os Estados Unidos	US\$ 4.082.000.000
Lucros reinvestidos na América Latina	US\$ 1.653.000.000
Juros do governo americano	US\$ 108.000.000
TOTAL	US\$ 5.843.000.000

São quase seis bilhões de dólares que os americanos sugaram dos povos latino-americanos. Em contraste sua «ajuda», incluindo verbas estatais, auxílio técnico e assistência social, de 1.º de julho de 1945 e 31 de dezembro de 1953 foi apenas de 189 milhões de dólares. Nos lucros dos imperialistas ianques não estão computados os que obtiveram com a política de preços baixos impostos aos nossos produtos e os preços cada vez mais extorsivos do que nos vendem. O economista americano Victor Perlo estima que o botim americano nesse terreno vai a 2,5 bilhões de dólares de 1948 para cá.

É concluído que tudo isto representa um quinto da produção de toda a América Latina. Nossos povos pagam um tributo aos americanos equivalente ao quinto cobrado pelos imperadores medievais. A quinta espiga de milho colhida pelos camponeses é para os americanos, a quinta peça de pano tecida nas fábricas é para os americanos, a quinta saca de café colhida no Brasil é para os americanos e assim por diante.

Nenhum imperador romano jamais obteve tais tributos dos povos conquistados. Mas é isto e uma exploração ainda maior o que os imperialistas do dólar exigem da Conferência Econômica do Rio de Janeiro. É com isso que Café-Gudin estão antecipadamente de acôrdo.

Nosso povo saberá manifestar seu mais veemente repúdio a essa reunião que atenta contra nossa soberania e o futuro de nossa pátria.

Comemoremos o 27 de Novembro

NOSSO povo se prepara para comemorar mais um aniversário da gloriosa revolução nacional-libertadora de 27 de Novembro de 1935, quando pela primeira vez em nossa pátria brasileiros patriotas, sob a direção da classe operária, se levantaram de armas na mão para libertar o Brasil do jugo imperialista, contra o latifúndio e para assegurar ao nosso povo um regime de paz, progresso e felicidade.

Em sua próxima edição VOZ OPERÁRIA publicará importantes matérias relativas à grande data, os ensinamentos que nos trouxe e sua significação para as lutas atuais de nosso povo pela paz e a independência nacional.

Sobre a Questão Atual da Derrubada do Poder Dos Latifundiários e Grandes Capitalistas

PERGUNTA: Escreve-nos o leitor G. B., de São Paulo, referindo-se à luta contra o governo de Café Filho e pedindo esclarecimentos sobre a questão da luta contra a política do governo atual e da luta por sua derrubada, indagando como se apresentam essas questões hoje e qual a relação entre uma coisa e outra.

RESPOSTA: O Programa do P.C.B. mostra-nos que o governo dos latifundiários e grandes capitalistas, aliados aos imperialistas norte-americanos, não cederá seu lugar sem luta e que é inevitável a derrubada desse governo. Esta é uma conclusão que decorre de fatos reais, objetivos, e não apenas dos desejos de quem quer que seja. De fato, é possível esperar que os senhores do latifúndio e os grandes capitalistas renunciem a seus privilégios e a exploração impiedosa do povo brasileiro, afastando-se do poder por chega-

rem, digamos, à convicção de que traem os interesses da pátria, sacrificam o povo e são incapazes de resolver qualquer problema nacional? Os latifundiários detêm o monopólio da terra há séculos, para eles constitui um «direito» sagrado o explorar e oprimir cruelmente milhões de camponeses e trabalhadores rurais. Têm uma arraigada tradição de poder despótico, que reprime pela violência todo movimento visando a libertar a massa camponesa e pôr em disputa seu domínio incontrastável sobre a terra e o país.

Aliados aos imperialistas, para os quais vendem as matérias-primas e gêneros produzidos em seus domínios e dos quais compram os artigos manufaturados, os latifundiários criaram e moldaram o aparelho do Estado de acordo com seus interesses e privilégios. O governo funciona para servi-los e quando os governantes não servem, mudam-nos por outros.

Aos latifundiários juntam-se os grandes capitalistas, cuja posição predominante advém de suas íntimas ligações com os imperialistas que detêm as rédeas mais importantes da economia nacional: os monopólistas norte-americanos. Latifundiários e grandes capitalistas tudo fazem para manter-se no poder. Com esse objetivo, nada respeitam, nem as próprias leis criadas por seus legisladores, são capazes de violar qualquer direito, de rasgar qualquer constituição, de cometer qualquer violência contra o povo, desde que isso sirva para defender seu poder.

E os imperialistas norte-americanos, cujos interesses coincidem e estão estreitamente ligados com os dos latifundiários e grandes capitalistas? Abandonarão o país voluntariamente? A ninguém é lícito supor — e os fatos o estão demonstrando todos os dias — que os imperialistas jamais não deixarão de espoliar e oprimir o país sem que a isso sejam compelidos pela força. O que pretendem hoje — e que constitui o fato mais grave da vida nacional — é acentuar ainda mais seu domínio sobre o Brasil, garantir a pilhagem desenfreada de suas riquezas, transformar, enfim, nossa pátria numa colônia ianque. Para isso contam com homens de sua confiança no governo de Café Filho e em todo o aparelho do Estado e não hesitam, quando julgam oportuno, em substituir os governantes pela força, como sucedeu a 24 de agosto deste ano.

Mas o poder dos latifundiários e grandes capitalistas, aliados aos imperialistas norte-americanos, contraria violentamente os interesses da esmagadora maioria da população, — dos operários, dos camponeses, da intelectualidade, da pequena burguesia e da burguesia nacional. Este poder impede o desenvolvimento do país, freia a expansão das forças produtivas, mantém e agrava terrivelmente a miséria das massas e golpeia a independência nacional. É inevitável, assim, que o povo se insurja contra esse poder, unindo suas forças, sob a direção da classe operária, para a conquista de um novo regime, que exprima os interesses fundamentais de todas as classes progressistas, da maioria da população — o regime de democracia popular.

Mas o poder dos latifundiários e grandes capitalistas é representado concretamente pelo governo de Café Filho, assim como antes era representado pelo governo de Vargas. Para realizar as transformações democráticas de que o Brasil necessita e libertar o país do jugo norte-americano, não basta, portanto, lutar contra a política do atual governo, forçá-lo, pela pressão das massas, a adotar esta ou aquela medida em favor do interesse nacional e do povo, impedir que faça novas concessões aos imperialistas ianques e viole os direitos e garantias conquistados pelo povo. Para tanto será necessário uma mudança de poder, isto é, a derrubada do governo e a substituição do poder dominante por um novo poder, um novo Estado, representado por um governo democrático de libertação nacional, isto é, um governo que confisque a terra dos latifundiários e a entregue aos camponeses, expulse do país os imperialistas norte-americanos e realize as medidas democráticas inadiáveis constantes do capítulo III do Programa do P.C.B.

Para derrubar o governo de Café Filho e substituí-lo por um governo do povo, porém, é indispensável lutar concretamente contra sua política e em defesa de cada direito e cada conquista do povo, em favor de toda e qualquer medida prática de resistência à colonização do Brasil pelos trustes americanos, é indispensável lutar pelas reivindicações mais sentidas dos operários e dos camponeses, lutar contra a carestia e por medidas concretas que beneficiem o povo e aliviem sua situação de miséria e fome. Na luta pelos interesses e reivindicações do povo e contra os assaltos dos trustes ianques unem-se as forças democráticas e patrióticas numa ampla frente-única, visando a libertação nacional e a conquista da democracia popular. Forjar e ampliar essa frente-única — a frente democrática de libertação nacional — para derrubar o poder despótico e antinacional dos latifundiários e grandes capitalistas, representado pelo governo de Café Filho, é tarefa atual dos comunistas e de todos os patriotas para salvar o país da catástrofe econômica e da escravização aos ianques e conquistar um regime de liberdade, independência, progresso e bem-estar para o povo brasileiro.

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do

Tudo Mostra a Necessidade de Liquidar Com o Latifúndio

ESTA cidade é dominada pelos latifundiários, con-

substanciados na Cia. Brasileira de Comércio e Indústria. Além de monopolizar a terra, explora aqui e na zona o ramo de serrarias.

O papel que o cel. Altino Machado, oficial reformado da polícia de Minas, exerce nisso tudo é infame. Recebe gordas gorjetas da Cia. Belgo Mineira, empresa imperialista dominadora de mais de 100 mil alqueires, a fim de com a ajuda do facinoroso cap. Pedro dos Santos, de-

CLAUDIONOR COSTA

(Governador Valadares — Minas)

legado de polícia e latifundiário, expulsar das terras a colonos e posseiros, muitos com mais de 30 anos de trabalho na terra.

Há outros inimigos dos trabalhadores: o dr. Nestor de Almeida, médico da Vale que exerce muito mal as funções, Ciro Cabral e outros.

Ninguém se preocupa com

a região. Os latifundiários só querem «criar bois». Aqui não há carne, queijo, manteiga, verdura nem nada.

O governo é conivente com a situação. Os grandes latifundiários levam os rebanhos para fazer salsichas, «quitutes». O matadouro, que devia cobrar uma taxa de Cr\$ 5,00 por cabeça para o abate, foi entregue de mão beijada pela Prefeitura a um tal de Zinho pelo prefeito Raimundo Albergaria. Desde então, começaram a aumentar os preços do abate a fim de impossibilitar a utilização do matadouro por outras pessoas. O resultado é a carestia crescente.

Esse Zinho, ligado ao prefeito, passou a controlar o

comércio da carne, pois tem 3 ou 4 açougues na cidade. Os demais varejistas se tornaram empregados do açambarcador.

O aumento de preços é assustador. Vejamos alguns exemplos: de outubro de 1953 até hoje, um quilo de fígado passou de Cr\$ 35,00.

Mas não é só a carne. O leite custa Cr\$ 3,00 o litro. E não há nada. Até verdura os barraqueiros vão buscar em Petrópolis.

Essa é a consequência do latifúndio e da ação dos especuladores e do governo. Em Aimorés, onde domina o politiquero e latifundiário Israel Pinheiro, a situação é a mesma.

Tudo mostra a necessidade de liquidar aqui, como no Brasil, a chaga do latifúndio, como tão claramente indica o Programa do P.C.B.

Os Cafeicultores de Baturité e o Programa do P.C.B.

AMILCAR BRAGA

(Fortaleza — Ceará)

CAIU verticalmente a produção de café na Serra de Baturité do ano passado para este. Calcula-se em 60 por cento esta queda, tomada a produção conjunta de toda a serra. Na periferia (quebradas) o descenso foi ainda mais acentuado, chegando a ser a produção deste ano apenas um terço da do ano passado. Este fenômeno abalou seriamente a economia de muitos produtores de café, especialmente daqueles que têm o café quase como monocultura.

A causa da redução da produção do café na Serra é apontada pelos produtores como sendo a falta de chuvas na época própria. O problema das chuvas vem afligindo cada vez mais a população da Serra, onde a pluviosidade está diminuindo de ano para ano. O desflorestamento intenso é a causa desse ressecamento da Serra de Baturité, que já perdeu muitas das suas características antigas.

Os pequenos produtores, entretanto, não culpam apenas a natureza. Falam eles nas crescentes dificuldades que defrontam no trato dos cafeeiros. Por falta de dinheiro a maior parte reduz os gastos com o trato de seus roçados, limitando-se a fazer anualmente uma «limpa» superficial, apenas para não deixar que os cafezais sejam sufocados pelas ervas daninhas. A replanta, para cobrir os claros abertos pelo tempo, também exige dinheiro e é por isso mesmo descuidada. Evidentemente, se os produtores de café da Serra dispusessem de crédito fácil poderiam tratar melhor dos cafezais e compensar, nos anos melhores, as perdas dos anos ruins. Mas isto não ocorre. Muito pelo contrário, são coagidos pelo governo a dispendêr grande parte da sua receita anual com o pagamento de impostos extorsivos. Cada saca de café, ao preço atual, é onerada com 70,00 de Imposto de Vendas e Consignações. Pagam ainda o imposto territorial e uma forma ilegal deste tributo — o imposto sobre a produção.

Para vencer as dificuldades atuais os cafeicultores da Serra de Baturité têm de contar com a ajuda governamental traduzida na eliminação dos impostos injustos, na concessão de crédito e em medidas destinadas a auxiliá-los na indispensável tarefa de corrigir os atentados cometidos contra a natureza, através de um reflorestamento científico capaz de devolver àquela região a fertilidade de que já gozou. Em outras palavras, os cafeicultores dependem da existência em nosso país de um governo realmente democrático de libertação nacional, conforme preconiza o Programa do P. C. B. Só um governo assim salvará a Serra de Baturité da ruína progressiva.

DOMINAÇÃO AMERICANA E DESEMPREGO

JOÃO BORGES ARARIPE

(Pôrto Alegre)

VÁRIOS setores industriais encontram-se à beira da bancarrota com a política de retração do crédito e compressão de despesas, política visivelmente ditada pelos norte-americanos. Essa política traz em seu bojo o espectro do desemprego.

Centenas de operários, hoje em todo o Rio Grande do Sul, encontram-se frente a esse problema. Dezenas de empresas ameaçam fechar suas portas. E o trabalho começa a faltar.

Ainda ontem nossa reportagem tomou conhecimento de que dezenas de trabalhadores haviam sido demitidos de seus serviços.

A Camissaria Tanhauser, foi obrigada a demitir 68 operários, e como ela outras seguiram o mesmo caminho. A Malharia Botizo despediu 19. A Geral de Indústria do Partenon, 12 e a Fábrica Arrozela Brasileira todo um turno, que trabalhava à noite, diminuindo, agora, o

número de operários e passando a funcionar somente com dois turnos.

Verdadeiramente catastrófica é a situação que hoje enfrentam operários e patrões.

Mas existe um objetivo em tudo isso. É claro e compreensível e impõe a todos nós indistintamente a responsabilidade de defender nosso país da dominação do imperialismo norte-americano, colonizador e inimigo dos povos.

O objetivo é traçado pelos homens de Wall Street, através do governo Café-Brigadeiro-Távora, visando liquidar nossa indústria e comércio. Querem transformar o Brasil em mero fornecedor de matérias primas.

A situação em que nos encontramos impõe imediatamente a mobilização de todos os setores de atividade, para a defesa de nossa pátria.

CRUZADO DA STANDARD OIL NO SENADO ANUNCIA OUTRO ASSALTO AO PETRÓLEO

OS AMERICANOS deixaram bem claro que esperavam do governo surgido do golpe de 24 a entrega do petróleo, no mais curto prazo possível. Isto eles fizeram sentir diretamente, mandando para cá mister Henry Holland, e também através do seu servçal Eugênio Gudín, que trouxe o recado de Washington.

Mas o primeiro bofe contra a Petrobrás foi decididamente repellido pelo

patriotismo dos brasileiros. Agora, os trustes lançam mão de novos figurantes e armam-se de novos métodos visando ao mesmo objetivo de abocanhar o petróleo. O senador udenista Plinio Pompeu, acumpliciado com o conhecido parceiro de Chateaubriand, Oton Mader, anuncia um novo projeto de lei que satisfaça às exigências da Standard Oil.

Manobra de um Tartufo

Logo de início, o sr. Plinio Pompeu faz a tentativa de afastar as massas getulistas da luta em defesa da Petrobrás. Um golpista da U.D.N. arvora-se em herdeiro do pensamento de Vargas para afirmar que o presidente levado ao suicídio não queria a Petrobrás tal como foi aprovada por esmagadora maioria, depois de intenso, metucioso e prolongado debate.

Acontece que, antes de pôr termo à própria vida, Vargas deixou em documento do próprio punho a sua opinião e mais do que isso, o seu libelo acusatório aos trustes americanos e a sua indicação de luta em defesa da Petrobrás. As massas getulistas não precisam para nada das «interpretações» do sr. Pompeu que só podem servir à Standard Oil. Basta-lhes ver o que diz a célebre carta-testamento de Vargas, que verberou em sua derradeira e definitiva mensagem os «decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais».

Nessa carta, Vargas definiu claramente os entreguistas tipo Plinio Pompeu ao dizer: «A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais...»

E falando diretamente sobre a Petrobrás disse Vargas: «Quis criar a liberdade nacional, na potencialização de nossas riquezas através da «Petrobrás» e mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma».

E logo no parágrafo seguinte denuncia os lucros de 500% das empresas estrangeiras, as fraudes de 100 milhões de dólares anuais nas nossas importações (e importamos principalmente petróleo), a pressão sobre a nossa economia visando à redução dos preços do café.

A carta-testamento não admite a pretendida aliança das massas getulistas com a manobra entreguista do udenista Plinio Pompeu.

Não existe o petróleo?

Mas o sr. Pompeu quer entregar o petróleo, mesmo que ele não exista. Esta é sua incumbência, para afirmá-lo ele tem em vista algo mais que os subsídios de senador.

Em longo trecho se esforça por incutir a dúvida sobre a existência do petróleo no Brasil ou ao menos inculcar a idéia de que nossas jazidas são tão minguadas que não vale a pena tanto alarido. Este senhor pensa que os brasileiros são tolos. Se o petróleo brasileiro fôsse algo tão desprezível como diz

o porta-estandarte de um novo estatuto do petróleo, nem a Standard Oil quebraria tanta lança pela obtenção de nosso petróleo nem o próprio senador Pompeu estaria pregando a sua entrega da tribuna do Senado e certamente estaria à procura de mais rendosas perspectivas.

Para ele o assunto se resume à «cidade» da Bahia e a Maragogipe. Além disso são 300 milhões de hectares, mistério que somente o truste de Rockefeller pode desvendar. São inúmeras as fontes de informação, compreensíveis mesmo a um senador a serviço da Standard Oil e que, por isso, é pior do que um cego, pois não quer ver. Indicamos-lhe apenas uma das mais recentes — a entrevista do técnico Plinio Cantanhede, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, publicada na «Imprensa Popular» de 4-11-54, onde aquele técnico informa:

«Nos dois últimos anos o Conselho Nacional do Petróleo, graças à melhoria de suas dotações orçamentárias, conseguiu imprimir ritmo mais acelerado aos trabalhos de prospecções e sondagens, realizando estudos e perfurações, não só na região produtora da Bahia, como também na foz do Marajó, no médio Amazonas, no Maranhão e na Bacia do Paraná que cobre todo o sul do país».

E a Petrobrás, acrescenta o técnico patriótico, com os recursos de que dispõe, irá dar um ritmo ainda mais acentuado aos trabalhos. Diante disso, a que fica reduzida a cantilena indigna dum representante do povo pondo em dúvida a existência do petróleo brasileiro e recusando-se a admitir a nossa capacidade de localizá-lo, extrai-lo, refina-lo e entregá-lo ao consumo do país?

Atrás de Pompeu um Zahedi caboclo

O discurso «esso» do sr. Pompeu nos aponta exemplos edificantes a seguir. Começa pela Venezuela. Pois bem, a Venezuela entregou o petróleo à Standard Oil e vegeta na maior miséria. Até galinhas e legumes tem que comprar nos Estados Unidos e nisto se vão os «royalties» que recebe. O exemplo da Venezuela serve para mostrar é que entregar o petróleo significa entregar tudo aos americanos.

Outro exemplo, que cita como se o nosso povo não lesse ao menos os títulos dos telegramas publicados pelos jornais, é o Oriente Médio. É o exemplo da Persia banhada em sangue, coberta de luto e terror, por um espião de Hitler posto no poder pela Standard Oil. Os melhores filhos do povo persa são fuzilados por um nazista e conhecido traidor de sua pátria, o general Zahedi.

O que o exemplo do Oriente Médio nos mostra é que, uma vez entregue o petróleo aos trustes, muito sangue tem de correr para reconquistar a liberdade do povo escravizado.

Há um Zahedi caboclo atrás do sr. Pompeu, esperando a desmoralização da Petrobrás. Os métodos dos trustes são os mesmos em toda parte.

A chantagem do racionamento

Não faltou igualmente a chantagem do racionamento. Isso não é novo. Quem não vê que os americanos derrubam os preços do café e aumentam os preços do petróleo, para forçar a entrega?

Ao fazer a chantagem do racionamento, o sr. Pompeu assume abertamente as funções de advogado dos imperialistas americanos. Mas aí estão as declarações claras e positivas das entidades mais representativas do comércio, da agricultura e da indústria reclamando o reatamento de relações com a União Soviética, que neste momento está trocando petróleo por laranjas e bananas com o Estado de Israel.

Até com as bananas que



apodrecem no litoral paulista podemos obter petróleo soviético. E não só petrô-

leo, mas a maquinaria petrolífera. E não só as sondas e refinarias, mas as máquinas que produzem as sondas e refinarias, como é exemplo a Rumania.

A desfaçatez do entreguista

O senador Plinio Pompeu declara-se contrário ao rompimento com a U.R.S.S. Diz que isso foi feito para agradar os americanos. Mas o fato de dizer que a verdade não o autoriza de forma alguma a insinuar que até mesmo os russos, se estiverem em condições, que venham participar da exploração de nosso petróleo, como se a União Soviética, com sua política de respeito à soberania de todos os povos, pudesse ser comparada às aves de rapina de Wall Street pela audácia irresponsável de um entreguista qualquer

A posição da União Soviética é clara e

conhecida. A União Soviética fez, inclusive, o oferecimento, na Conferência Econômica de Moscou, de comerciar com o Brasil na base do cruzeiro. Podemos importar tudo o que quisermos e necessitarmos, inclusive equipamento petrolífero na U.R.S.S., com cruzeiros. E' isso o que a União Soviética nos oferece.

E é justamente uma política de amizade com a U.R.S.S., de relações diplomáticas, culturais e comerciais na base das vantagens mútuas e de respeito à soberania de nossos povos, o meio de assegurar o desenvolvimento independente da economia nacional.

União de todos os democratas para

DEFENDER A LIBERDADE DE IMPRENSA



DESDE o primeiro dia de sua existência, o governo do sr. Café Filho, não obstante suas demagógicas declarações iniciais, vem procurando, por diversas formas, golpear a liberdade de imprensa. Contam-se já às dezenas os jornalistas presos, os jornais apreendidos e outras violências cometidas no Rio e nos Estados contra a imprensa que não reza pela cartilha do entreguismo oficial. Um ridículo e iníquo processo está sendo tentado contra redatores e funcionários da «Imprensa Popular». Ao lado desses golpes policiais, medidas de pressão econômica, como o atesta a ofensiva do Banco do Brasil, visando ao fechamento de «Última Hora», «O Radical», «O Popular» e outros.

Agora um novo e grave atentado acaba de ser cometido contra a liberdade de imprensa pelo sr. Etelvino Lins, em Pernambuco. A sucursal deste semanário, no dia 10 do corrente, foi invadida por um bando de policiais, que furtaram documentos e haveres. O gerente da sucursal, jornalista Antônio Dantas, foi arbitrariamente preso, assim como o funcionário Raul Feitosa. Não contentes com tais crimes, a polícia de Etelvino passou a apreender jornais nas bancas. Notícia-se igualmente que dois representantes do jornal juvenil «Novos Rumos» foram também encarcerados sem o menor pretexto.

Ao que parece, pretende o antigo beaguim Etelvino Lins, velho e rancoroso inimigo da liberdade de imprensa e de quaisquer liberdades, tentar levar a cabo o seu famoso «esquema» fascista no Estado que infelicita. Enganam-se, porém, os que pretendem arrolhar o povo a serviço de seus patrões norte-americanos. A opinião democrática do país não tolera nem tolerará os golpes liberticidas, sob quaisquer pretextos. Em todo o país avoluma-se a ação unida dos trabalhadores e de todas as forças democráticas em defesa dos direitos e garantias constitucionais. Os protestos do povo, e particularmente dos profissionais da imprensa, que lograram a libertação do jornalista e demais presos em Pernambuco, hão de destruir os planos dos empreiteiros do terrorismo policial.

Defender intransigentemente as liberdades públicas, apoiar e prestigiar os jornais da verdade e da paz — eis a resposta que hão de dar todos os patriotas aos que pretendem calar o povo para entregar o país aos trustes norte-americanos.

União Patriótica Contra

ÊSSE GOVÊRO DE LIQUIDAÇÃO DOS DIREITOS E CONQUISTAS DO POVO BRASILEIRO

SISTEMATICAMENTE, sem perder uma só oportunidade, o governo Juarez-Gudin-Café vem atacando contra as conquistas e direitos de nosso povo. "O povo come demais" afirmou o executor da política de abastecimento e preços, gen. Pantaleão, traduzindo a política de carestia do governo de 24 de agosto em toda a sua brutalidade.

"Maiores facilidades aos capitais americanos" — é o lema e a diretriz do executor da política financeira e econômica, Gudin, traduzindo a política de submissão colonial do governo "maravilhoso" de mister Kemper.



O médico trocou o avental branco e o estetoscópio pela tribuna em praça pública, na luta contra a opressão e a miséria. A luta dos médicos faz parte da luta de todo o povo contra os liquidadores golpistas dos direitos e liberdades democráticas.

UMA PENADA CONTRA UMA CAMPANHA DE QUATRO ANOS

MENOS de doze horas decorreram entre a chegada do projeto 1.082 ao Catete e a penada com que João Café lhe aplicou o veto total. O projeto se arrastou durante quatro anos pelo parlamento. Sua aprovação foi o resultado de uma luta contínua e tenaz dos médicos. Dois dos atuais ministros votaram pelo projeto, Napoleão Alencastro Guimarães no Senado e Aranis de Atalá, na Câmara de Deputados.

Mais ainda: o próprio Café Filho, quando ainda era vice-presidente, foi favorável ao projeto.

O veto não foi apenas um desafio e um insulto aos médicos, engenheiros, químicos e outros funcionários de nível superior. Foi um ato de

O veto ao projeto 1.082, que aumenta os magros ordenados e vencimentos dos médicos-barnabés e demais funcionários de nível universitário, não foi um golpe isolado. O veto americano de Café Filho, assinando servilmente um arrazoado que já veio feito por intermédio do ministro da "Bond and Share", é um elo da corrente de medidas contra o povo.

Está instalado no Catete, para onde foi levado pela força das armas contra a vontade do povo, um governo de liquidação das conquistas e direitos do povo brasileiro.

hostilidade aberta contra o povo brasileiro. Em nossa pátria existem menos de 20.000 médicos para 55 milhões de habitantes. E muitos estão afastados do exercício da sua nobre profissão. O governo tudo faz para tornar cada vez mais penosa e menos atraente o trabalho dos médicos. Não existem hospitais, nem leitos, nem médicos em número suficiente para atender às necessidades de nosso povo.

O que exigem os interesses populares é que os médicos sejam estimulados, apoiados, prestigiados. Mas um governo nomeado pelos americanos só cuida de despesas militares, de assegurar lucros aos monopólios americanos, de facilitar o saque colonialista ao Brasil e não cogita de médicos e hospitais.

Café Filho tinha declarado, ao armar sua toca contra o 1.082, que o estudaria com atenção. Entretanto, a falsidade já estava preparada. Como denunciou o professor Ermirio Lima, a alegação das despesas com o aumento determinado pelo 1.082 foi capciosamente aumentada de dois terços sobre os cálculos feitos pelo Parlamento. E' a esse resultado que conduz a política antipopular e antinacional do governo. O veto de Café foi um ato de sabotagem à saúde dos brasileiros.

Na luta pela rejeição do veto de Café os médicos se unem como um só homem. O médico Paulo Dias da Costa declarou, perante a assembléia de mais de mil médicos, em nome dos 400 médicos opositores da Associação Médica do Distrito Federal, que a oposição deixava de existir para que, unidos, os médicos chegassem à vitória final.

A luta por um direito ensina o caminho da unidade.

Uma das seções do memorável Congresso Regional de Previdência Social do Distrito Federal. Conclaves como esse realizaram em todos os Estados. A classe operária manifestou a mais completa unidade na defesa e melhoria da previdência social. Entretanto, o governo devorador relapso dos institutos, pretende fazer ouvidos de mercador às reivindicações dos trabalhadores e espelhar suas conquistas. O proletariado não permitirá a liquidação da previdência social.



Aumento de Impostos para os Brasileiros
Isenção de Impostos para os Americanos

NA ATIVIDADE desse governo fundamentalmente dirigida contra o povo ocupa um lugar de relevo a política de escorcha através do aumento de impostos. Aumento do imposto de renda, mas nem sequer uma única medida para acabar com a sonegação escandalosa dos lucros dos trustes americanos. Aumento do imposto de consumo, imposto de fome e carestia e isto de forma a favorecer a invasão do mercado brasileiro, em condições vantajosas, por artigos americanos similares aos produzidos pela indústria nacional.

O pretexto utilizado por Gudin é a necessidade de acabar com o deficit orçamentário. Mas a verdade é que ao mesmo tempo o mesmo



Do aparato de força contra os ferroviários da Leopoldina até à prisão de médicos diante do Catete o governo marcha para violências crescentes que atingem a todos os cidadãos que defendem seus direitos.



Esfomeadores de Cassetete em Punho

OS ESFOMEADORES só podem enfrentar a nação de cassetete em punho. Os lautos almoços e jantares da camarilha do Catete sob a guarda de soldados embalados é bem o símbolo do regime ideno-americano de 24 de agosto. Da violência à mão armada contra os grevistas da Leopoldina, da prisão de senhoras indefesas que colhiam assinaturas de protesto contra a onda de aumentos patrocinada pela COFAP até a prisão de ilustres médicos diante do palácio presidencial, os passos do governo demonstram que ele não se desvia da direção que

lhe foi traçada pelos americanos — a supressão das liberdades democráticas. Para que o golpe de 24 de agosto realize tudo o que lhe foi encomendado pela embaixada americana é preciso, antes, transformar o Brasil num vasto campo de concentração, no império do policiamento e do terror fascista. A traição nacional e a negação das liberdades democráticas caracterizam o governo Café-Juarez-Gudin. Em toda parte, como vemos na Guatemala e no Irã, na Grécia e na Espanha, os laços dos americanos são os assassinos de seus povos.

A Vontade Dos Trustes é Lei no Catete

ESSE governo que tudo nega ao povo brasileiro empenha-se em tudo entregar aos americanos. O entreguismo mais deslavado subiu ao poder a 24 de agosto.

Diante da enérgica resposta do patriotismo dos brasileiros, o entreguista Juarez Távora tentou manobrar e ludir os brasileiros. Em sua capciosa entrevista aos jornais, Juarez deixou claro que espera apenas desmoralizar a Petrobrás para «demonstrar» que a entrega do petróleo à Standard Oil é o único caminho. Ao mesmo tempo não pôde esconder que tem poderes de gover-

no sobre a Petrobrás. Eis que tem influência decisiva sobre os destinos da Petrobrás um homem que é confesadamente interessado em levá-la ao fracasso. Isto tem um nome: é sabotagem. Não foi por acaso que o governo negou cambiais à Petrobrás e se recusa a equipá-la com a maquinaria que podemos adquirir sem dólares, mas em troca de café, cacau, couros e outros produtos nacionais na União Soviética.

Que se tratava de manobra para arrefecer a vigilância patriótica, ali está para prová-lo o anunciado projeto entreguista dos senadores Plínio Pompeu e Oton Mader.

Ante a campanha entreguista erguem-se os dados da própria realidade. O sr. Plínio Cantanhede, presidente do Conselho Nacional do Petróleo, demonstra que em cinco anos pode o Brasil ser auto-suficiente em matéria de petróleo. E como a confirmar suas palavras não tardou a notícia de que a refinaria de Capuava foi instalada no prazo recorde de dez meses.

Os brasileiros compreendem que os americanos exigem a entrega imediata porque a cada dia que passa mais evidente se torna que não precisamos de americanos para ter petróleo. Pelo contrário, para termos petróleo é preciso bater as portas da Petrobrás na cara dos americanos e extrair do Brasil o cancro do dólar.

Pela União Patriótica Dos Brasileiros

DO VETO ao projeto 1.082 à campanha contra a Petrobrás, da ofensiva contra a previdência social ao aumento escorchante dos impostos, da carestia da vida fomentada pela COFAP aos empréstimos coloniais nos Estados Unidos, de ponta a ponta os atos desse governo se articulam e se fundem num todo único. São elos da mesma corrente, peças dos mesmos grilhões.

Todas as medidas tomadas pelo governo Juarez-Café trazem uma vantagem para os senhores do dólar. Nenhum dos seus atos deixou de ferir os interesses desta ou daquela camada do povo brasileiro.

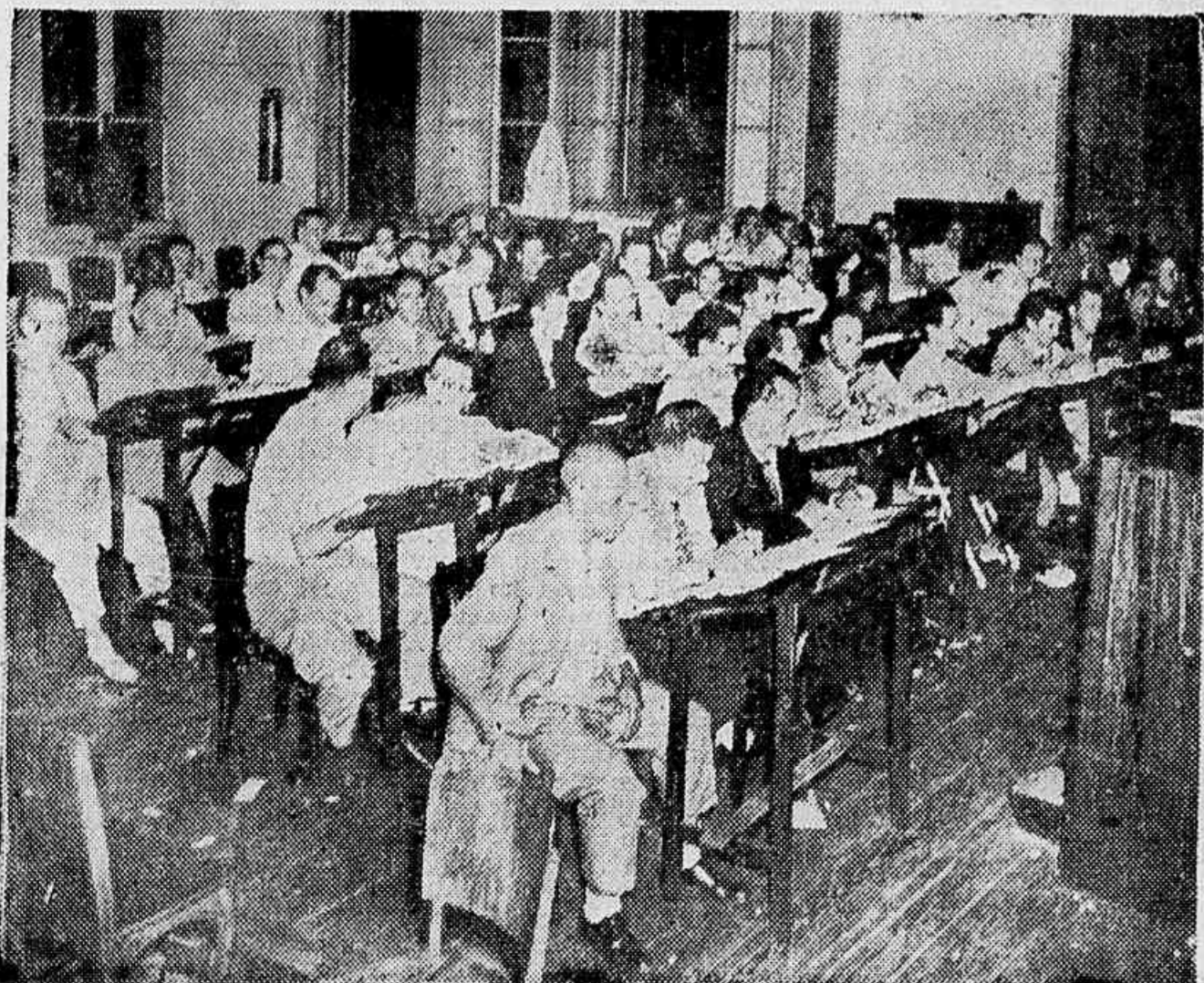
Os operários que defendem seus salários e conquistas sociais, as donas de casa que exigem o congelamento dos preços dos artigos de primeira necessidade, o comércio e a indústria que resistem à elevação dos impostos, as massas camponesas que já se levantam contra a opressão e o atraso do latifúndio, os patriotas que se batem contra a traição entreguista, os porta-vozes dos mais legítimos interesses nacionais que lutam pelo reatamento de relações com a União Soviética — todos os brasileiros que anseiam pela modificação do atual estado de coisas, por uma transformação de acordo com os interesses nacionais e populares encontram, neste momento, o mesmo inimigo.

Em nenhum outro momento esteve tão claro que qualquer melhoria e mesmo a simples conservação do que já foi feito e obtido choça-se inevitavelmente contra os desígnios do governo americano de Juarez-Gudin-Café & Cia.

Diante do inimigo comum estas gigantescas forças de milhões de brasileiros, a maioria esmagadora da nação, sentem a necessidade de união. Essa unidade começa a se forjar como uma necessidade imposta pela própria vida. Os patriotas mais esclarecidos, entre eles, na linha de frente, os comunistas, impulsionarão e estimularão, construirão e defenderão a unidade patriótica contra os liquidadores do Brasil.



UNIDOS COMO UM SO HOMEM na defesa de seus direitos, os médicos declararam extinta a oposição à A.M.D.F. A luta ensina o caminho da unidade. União de todos os brasileiros contra esse governo de liquidação é o imperativo desta hora.



Voz dos leitores

Ameaçada Pela Light a Vida da População de Barra do Pirai

AGUINALDO DA GAMA LOPES

Barra do Pirai, cidade situada no sul fluminense, dista da capital da República pouco mais de 100 quilômetros. Possui como meio principal de transporte a E. F. Central do Brasil. Povoação bem desenvolvida com cerca de 30 mil habitantes, Barra do Pirai tem como base essencial de sua existência o movimento ferroviário.

Referindo-nos à Barra do Pirai queremos denunciar à Nação as gravíssimas condições por que atravessa esta importante cidade, condições estas criadas pelo infame truste de eletricidade, a Light. Como se já não bastasse o alto custo da vida: gêneros caros, alugueis de casa absurdos, crescente desemprego, os trabalhadores, particularmente os comerciantes, obrigados a trabalhar de 12 a 14 horas diárias com salários baixíssimos, sem ganhar extraordinário nem repouso remunerado, a população está ameaçada por um surto epidêmico que terá, naturalmente, consequências desastrosas. E, deve ficar bem claro, a responsável será a Light & Power.

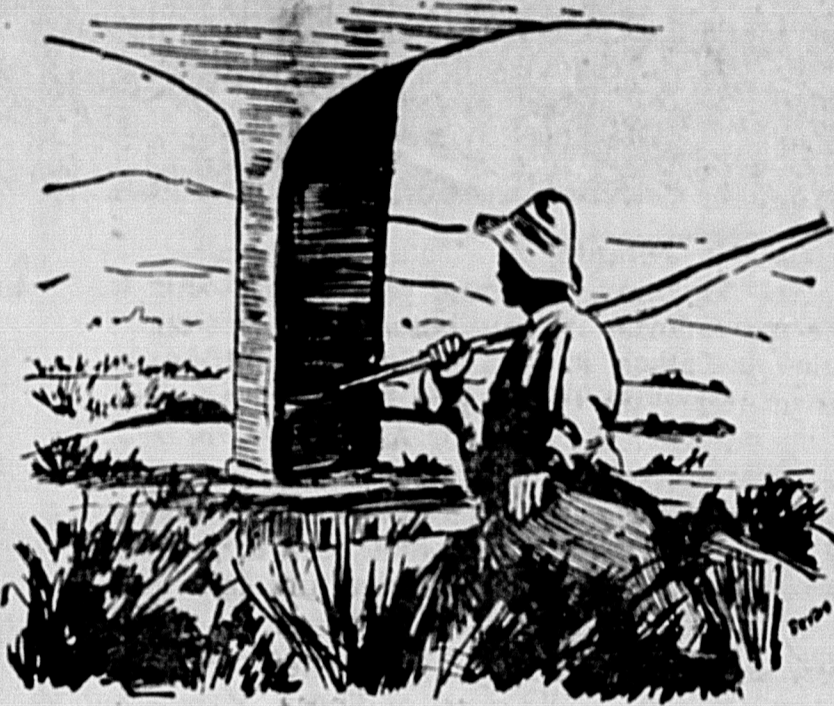
Por que assim afirmamos? É do domínio público que o polvo canadense fora advertido de que o desvio Paraíba-Pirai a fim de conduzir água para as suas usinas localizadas em Fontes não poderia ser efetuado tendo em vista que estes dois rios são os responsáveis, sobretudo o Paraíba, pela vida de numerosas cidades e povoações ribeirinhas. Qualquer criança de curso primário concluiria que as autoridades sanitárias estavam com a razão. Entretanto, os gringos do truste que mandam e des-

mandam no Brasil, puseram mãos a obra realizando o desvio.

Prontas as obras da Light, aí estão os resultados. Se até bem pouco tempo Barra do Pirai era uma das mais belas cidades fluminenses com seus dois soberbos e caudalosos rios a cidade se encontra numa situação contrastadora. O rio Pirai — hoje um riacho — percorre a parte central da cidade barrensse. Nos bons tempos, mesmo durante a estiagem, este rio mantinha-se normalmente cheio com água suficiente para conservar o seu leito e a cidade sempre limpa. Era um prazer para qualquer cidadão apreciar o trajeto macio das águas serenas e azuladas do magestoso Pirai! Era a delícia dos nadadores, o ganha-pão dos pescadores profissionais e dos que o faziam por mero divertimento. Na época das cheias o rio tornava-se agitado, limpando tudo. Atualmente é diferente o aspecto do leito do antigo e orgulhoso rio. Aqui é um charco de imundície onde ficam animais mortos e apodrecidos; ali, um matagal cresce e os mosquitos se multiplicam. Motivado pelo estreitamento do rio os excrementos dos esgostos da cidade se derramam pelo chão, provocando terrível mau cheiro. Da firma Martuscelo S. A., fábrica de banha, correm pelos esgostos restos de suínos abatidos; os urubus pululam ali à cata do que comer.

A Light, segundo contrato com o governo do Brasil, teria que construir um canal para escoamento do rio Pirai, mas até hoje não cumpriu o contrato e, não parece animada a tomar qualquer providência contra a situação que ela criminosamente criou.

O que ocorre no bairro Vila Areal, por exemplo, distante poucos quilômetros da cidade torna evidentes



os desmandos e a canalhice da Light. Nesse lugar, onde residem cerca de 1.500 operários, apesar de nunca ter havido água encanada por parte da Prefeitura, havia água com abundância. Certo dia, porém, os poços secaram, as bicas silenciaram, as lagoas evaporaram. Explica-se: com a construção do tunel para o desvio do rio Paraíba, o mesmo sugara as águas do solo. Que fez a Light? Nada, até hoje. Enquanto isto o polvo canadense-americano construía residências para os norte-americanos, verdadeiros palacetes servidos de água com abundância. E o bairro do Areal que é bairro de operários continua até hoje sem água.

A rodovia Pirai-Barra do Pirai, onde o tráfego é intenso, é outro exemplo. Justamente neste setor onde as águas foram maciçamente represadas, a estrada além de ser péssima apresenta sério perigo, pois que, como sempre acontece, a Light não quis construir um sistema de diques ou coisa semelhante, margeando a represa, de maneira que, pusesse em segurança o tráfego de veículos. Frequentemente essa via é palco de desastres, em geral com

afogamentos de passageiros, pois que além de possuir curvas perigosíssimas não é servida por nenhum meio de sinalização, como é regularmente em todas as estradas onde o movimento é intenso. Esta estrada, negação de tudo o que se diz de engenharia, foi construída pela própria Light. Mas, não se pense que foi o trabalho prestado pelo polvo. Nesse mesmo leito percorria antigamente e ferrovia Rêde Mineira de Viação que, por exigência da Light, devido aos serviços referentes ao desvio Paraíba-Pirai, teve seus trilhos detirados.

A Light que não tem outro interesse senão o de auferir lucros máximos em detrimento dos interesses do povo, prejudica também a população de Santanezia, centro operário importante. Nessa localidade, onde residem numerosas crianças, permanece ali com as suas bordas beirando o nível do solo, repleto de água do Rio Paraíba, um canal com cerca de cinco metros de altura; este canal continuará sempre assim como uma ameaça a vida de numerosas crianças, enquanto a Light não for forçada a colocar ali uma grade indispensável.

BRUTAL EXPLORAÇÃO NO FRIGORÍFICO ANGLO

Forçados Pela Fome a Abandonar o Emprêgo

(Do Correspondente em Barretos)

A política do governo Café-Brigadeiro-Juarez está trazendo grande descontentamento aos operários do Frigorífico Anglo de Barretos. Com exceção de três ou quatro chefetes e dos patrões, os gringos ingleses que dispõem dos préstimos do Ministério do Trabalho, todos os que trabalham no «Anglo» sofrem as mais duras privações e a mais séria opressão.

Além de comprar as autoridades do Ministério do Trabalho a empresa mantém um tal sargento reformado, apelidado de «tenente», para perseguir e denunciar operários quando estes se reúnem para protestar contra os roubos da empresa, pois como todos sabem, quanto mais serviço o espião presta, maior é a «bola» que recebe.

Os operários do Frigorífico são roubados por diversas formas. A empresa não paga o salário-mínimo; O I.A.P.I. exige descontos absurdos sem conceder auxílios e não presta conta aos trabalhadores do que faz do dinheiro.

A empresa imperialista que só visa lucros e mais lucros, pula por cima de tudo. Os operários fizeram, por intermédio do Sindicato, um acordo (convênio) com a Cia. segundo o qual, de 1.º de abril de 1954 a 30 de março de 1955, ficariam estabelecidos determinados salários, com a condição de o Frigorífico fornecer carne aos seus empregados nas seguintes condições: carne de 1.º a 10,00 o quilo e de 2.º a 6,00 o quilo.

Entretanto, os ingleses deixaram de abater gado du-

rante 3 meses. Com isso, os operários que percebem o salário de acordo com o preço da carne estabelecido no convênio tiveram de comprá-la em Barretos a 24 ou 20, de 1.º e 2.º, respectivamente, não tendo a Cia. dado a mínima satisfação, nem pago a diferença. Ao contrário, forçou um desemprego parcial ou quase total, pois a pretexto de não estar matando, também não há serviço. Essa é uma medida que a empresa encontra para obrigar a trabalhadores com muitos anos de trabalho a sair sem indenização bloqueados pela fome. Trabalhando 1 ou 2 dias por semana, muitos operários só iam ao escritório para receber as folgas remuneradas enquanto numerosos outros ficavam paralisados totalmente.

Não Queremos «Rabo de Burro» Queremos Abono de Natal

Escreve CLAUDIO BORGES DE ARAUJO

«Não queremos rabo de burro», queremos um mês de salário como abono de Natal! Era uma das frases pintadas nas paredes e muros da Fazenda Guataparã, nas proximidades da Usina Tamoio, em Araraquara e nos demais lugares onde se encontram as usinas e plantações de cana dos fazendeiros Morganti, no fim do ano passado.

«Rabo de Burro» é denominação dada pelos operários das usinas e assalariados agrícolas a um cober-tor vagabundo com que esses fazendeiros exploradores tentam amainar a luta dos trabalhadores pelo abono.

Entretanto, os trabalhadores não se iludem. Os milhares de assalariados agrícolas e operários das usinas, entre os quais 12.000 da Usina Tamoio não se conformam em receber um pedaço de trapo quando sabem que do seu suor e sangue são arrancados milhões de cruzeiros anualmente com que os Morganti constroem novas usinas, gastam em passeios e dissipações, acumulam capitais nos bancos.

Para se ter idéia de tal exploração, basta dizer que Fulvio Morganti que é um jogador inveterado, chega a perder numa só noite . . . 1.000.000 de cruzeiros. Helio Morganti é um nababo; tem um palacete em Araraquara que lhe custou 3 milhões de cruzeiros e 4 automóveis. Na formatura de seu filho, em 1949, gastou cerca de 500 mil cruzeiros, sendo que só o balle consumiu 200 mil cruzeiros. Quando da inauguração do Clube S. Carlos, em S. Carlos, sua mulher apresentou-se com um vestido riquíssimo e que custou 100 mil cruzeiros, importado direta-

mente da França. Sua dama de companhia (importada da França, ganha a bagatela de 30 mil cruzeiros mensais. Ao todo, na casa de Helio existem 10 empregados entre motoristas, jardineiros, copeiros, camareiros, etc.

Enquanto isso, como vivem os trabalhadores? Estes vivem na mais completa miséria nas propriedades das Usinas que são verdadeiros feudos. Em 1948 uma camponesa foi sepultada em Araraquara por tuberculosa. Em todas as usinas existe um «regimento interno» que proíbe isto e aquilo; ninguém pode receber visitas sem ordem da gerência, nem mesmo se tratando de pai, irmão, filho ou qualquer outro parente.

Tudo ali é proibido. A caça, as festas, os noivados. As 21 horas toca o sinal de silêncio e aí daquele que for apanhado fora de casa! Na entrada da «Tamoio» existe um posto policial particular que faz parar até as jardineiras e «peruas» quando então os motoristas são interpellados por um policial sobre a identidade de cada passageiro, quantos são, para onde vão, de onde vêm, o que vêm fazer, etc.

Em todas as usinas existem armazéns, «barracões» que arrancam o couro dos trabalhadores que, no fim do mês recebem os envelopes vazios, não vêm a cor do dinheiro.

Os trabalhadores das usinas e dos canais têm lutado contra a opressão e a exploração dos Morganti e, agora, com a aproximação do Natal exigem não só aumento de salários como reafirmam sua palavra de ordem: «Não queremos rabo de burro, queremos um mês de salário como abono».

POSTA RESTANTE

Recebemos as seguintes correspondências:

Luiz José de Castro — Barbacena — Carta comunicando o envio de um memorial subscrito por 539 pessoas apelando para que o S.T.F. conceda habeas-corpus em favor do professor Rubens Santos de Oliveira, candidato a vereador à Câmara Municipal local e o sr. Francisco Alves de Medeiros. Esses patriotas foram presos arbitrariamente em 9 de agosto e processados pela lei de Segurança, por haveres distribuído um manifesto em defesa do salário-mínimo decretado em 1.º de maio.

Gerson Monteiro de Lima — S. Paulo — Nota saudando a passagem do 30.º aniversário da Coluna Prestes. João Bispo Furtado — São Luiz do Maranhão — Artigo sobre a situação do país des-

tacando a dominação cada vez mais acentuada do Brasil pelos imperialistas norte-americanos.

José Paes — São Sebastião do Paraíso — Reportagem sobre a situação dos trabalhadores da Usina Peixoto que deveremos publicar no próximo número.

Lidomar da Silva Guimarães — Pelotas — Artigo conclamando a seus companheiros operários e demais trabalhadores para lutar contra esse regime, contra os imperialistas americanos e seus serviços, por uma frente-única de todo o povo, pela aplicação do Programa do P.C.B.

L. Bento — Itapema (Município de Guarujá) — Denúncia contra o desprêzo com que os governantes tratam aquela localidade.

mínimo. Durante o desemprego forçado quando os operários iam receber as 4 folgas, sofriam um desconto de 133,00, isto é como se tivessem trabalhado os 25 dias úteis.

Assim vai agindo a empresa imperialista, furtando-nos de todas as formas. Para isto ela compra o Ministério em seu conjunto, destaca um sargento-reformado para fazer o papel de jagunço.

Mas, os operários estão compreendendo que acima de tudo isto estão suas forças e reforçando sua unidade e organização estão trabalhando em Comissão discutindo as suas reivindicações na empresa e no Sindicato a fim de fazer com que seus direitos sejam respeitados.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável

Aydano do Couto Ferraz

MATRIZ

Av. Rio Branco, 257, 17.º andar., sala 1712
TEL.: 42-7344

SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 66 — sala 51.

Recife — Rua Floriano Peixoto, 155 — Sala 23 — 4.º andar.

Fortaleza — Rua B do Rio Branco, 1248, s/ 22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPÉRIA ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral » 30,00
Trimestral » 15,00
N. avulso » 1,00
N. atrasado » 1,50

Este semanário é reimpresso em SÃO PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA e BELEM.

Máquinas Agrícolas a Serviço do Homem

Reatando relações com a U.R.S.S., o Brasil poderá importar tôdas as máquinas e equipamentos de que necessita, sem necessidade de dólares

Há dias, um navio-cargueiro soviético desviou-se de sua rota e aportou no Rio de Janeiro. Não obstante a ausência de relações entre o Brasil e a U.R.S.S., a hostilidade do governo ao grande País do Socialismo, o comandante do «Admiral Ushakov» entrou no Rio para salvar uma vida humana. Em consequência desse episódio ficou-se sabendo que o cargueiro soviético transportava para a Argentina máquinas agrícolas e equipamento para refinarias de petróleo.

Tivemos, assim, à nossa vista, um exemplo vivo do que significam as relações com a União Soviética, no momento em que o país atravessa a mais grave crise de seu comércio exterior, com a brusca diminuição de suas exportações, inclusive do café, e a impossibilidade de importar máquinas, petróleo e equipamentos dos Estados Unidos.

Até os serviços públicos essenciais estão hoje ameaçados de paralisação, como sucedeu com a C.M.T.C. de São Paulo, em virtude da falta de peças da impossibilidade de importá-las dentro das normas atuais de submissão aos interesses dos trustes

americanos. No entanto, na União Soviética e nas democracias populares são hoje produzidos todos os artigos e mercadorias de que possamos necessitar. E o mercado socialista é capaz de absorver tôdas as matérias-primas e produtos brasileiros que atualmente não encontram mercado. Assim, sem necessidade de dólares, poderemos não somente importar o trigo e o petróleo, como as mais modernas máquinas, os equipamentos mais aperfeiçoados para a indústria petrolífera e outras e para a agricultura brasileira, onde praticamente não existe o emprêgo de máquinas. Para se ter uma idéia do que pudemos esperar nesse terreno, ai estão a maravilhosa Exposição Agrícola da U.R.S.S. e a descrição de algumas máquinas moderníssimas, como a máquina de colher algodão «SJM-48M», cujas características damos nesta página. Queiram ou não queiram os agentes e camelôs dos imperialistas ianques, a U.R.S.S. é hoje o país da ciência e da técnica mais avançadas. Suas conquistas, porém, estão a serviço do homem, jamais são ou serão empregadas para escravizar outros países e povos e, sim, para ajudá-los a se emanciparem e progredirem.

Ao lado, a cadeia de montagem das máquinas de colher algodão «SJM-48M», na fábrica em Tachkent — Em 1953, a produção de algodão de Usbequistão ultrapassou de mais de 70% o nível de antes da guerra. Mas a U.R.S.S. está empenhada em conseguir, nos próximos anos, a mais completa abundância de todos os produtos agropecuários. Assim, a produção algodoeira do Usbequistão aumentará, até 1958, de mais 1.800.000 toneladas, alcançando a cifra total de 4.200.000 toneladas anuais. Um tal avanço só é possível com a crescente mecanização de todos os trabalhos agrícolas, o que exige novas, mais complexas e engenhosas máquinas.

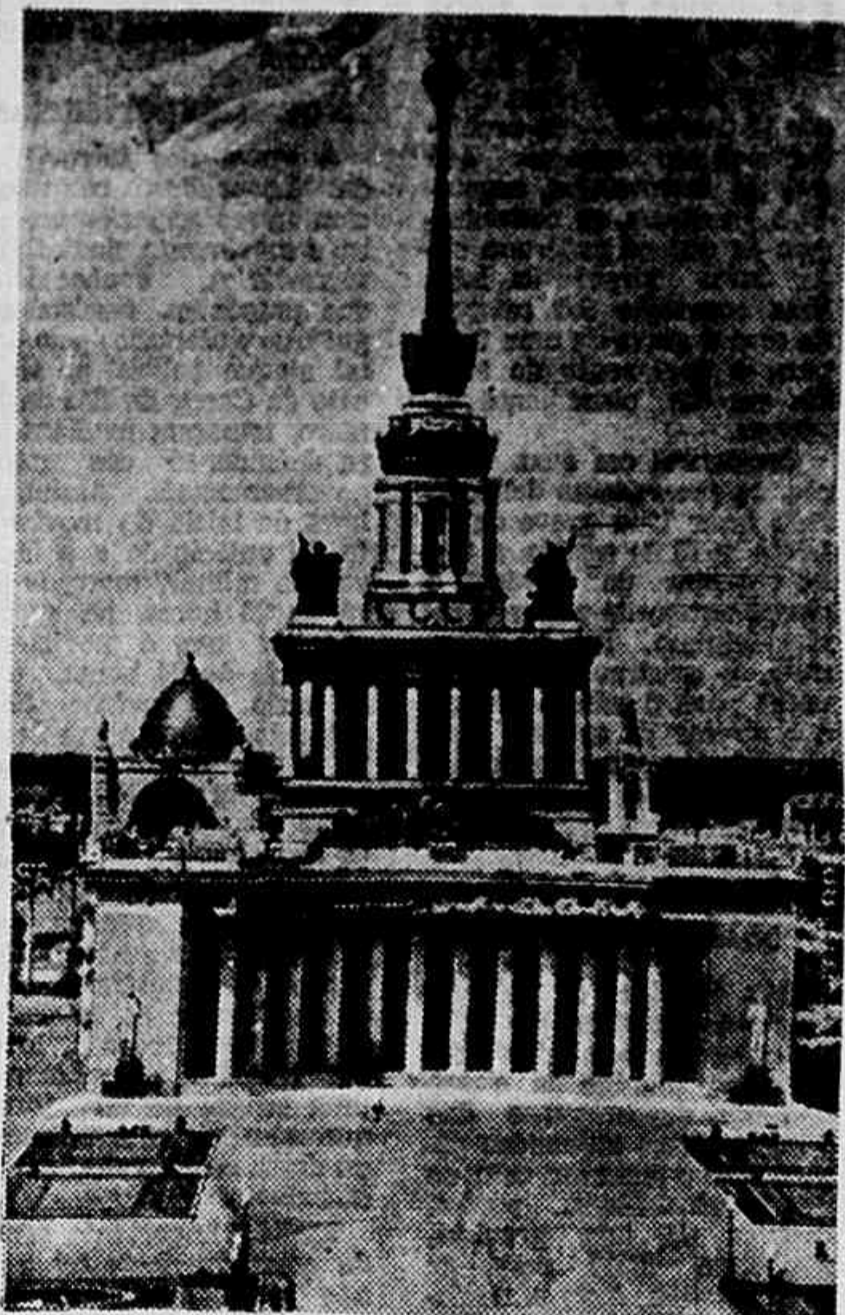
Em 1948 foi criada a máquina de coletar algodão «SJM-48», que substitui o trabalho de 40 homens e é manejada por um único operário. Esta máquina colhe o algodão sem prejudicar as plantas nem arrancar as cápsulas ainda não maduras, recolhendo apenas as que já se encontram abertas. Posteriormente, foi criada outra máquina mais moderna, a «SJM-48M», com a qual muitos trabalhadores chegaram a colher, sôzinhos, 80 a 90 toneladas de algodão durante a temporada de 1953. Novos aperfeiçoamentos estão sendo introduzidos, com a solução de problemas tais como a coleta do algodão úmido. Hoje, a máquina colhe o algodão de uma só fila, amanhã colherá de várias ao mesmo tempo.

Em baixo: a máquina «SKG-4» para a semeadura de batatas de acordo com método quadrangular em ninhos. Juntamente com as sementes, a máquina deposita adubos minerais nas covas.

Um único homem maneja a máquina «SJM-48M», que colhe o algodão já maduro das plantações. Na U.R.S.S., em grande número de culturas, 80% dos trabalhos agrícolas se encontram inteiramente mecanizados



Uma Exposição Sem Precedentes



Ao ALTO, o edifício do pavilhão central da Exposição Agrícola da União Soviética. O prédio tem uma certa semelhança com os novos edifícios monumentais de Moscou. Ele se encontra situado no centro de um vasto território, transformado em cidade-jardim, onde figuram mais de 500 outros edifícios. São palácios representando as diversas Repúblicas Soviéticas, cada um deles refletindo a cultura e arquitetura nacionais dos povos, e muitos outros belos pavilhões dedicados aos diferentes ramos de atividade dos milhões de trabalhadores de agricultura socialista.

A cidade-jardim, construída para a Exposição e que pode abrigar mais de 150.000 pessoas, tem o seu nome plenamente justificado pela variedade e quantidade extraordinárias de plantas e flores. Nela está representada toda espécie de vegetação dos diferentes climas da U.R.S.S. Figuram na exposição 1.900 espécimes das melhores variedades de 290 produtos agrícolas. Enriquecem e enfeitam a Exposição canteiros com mais de 5 milhões de diferentes flores, inclusive 40.000 rosas.

A Exposição constitui um retrato do avanço sem precedentes da agricultura soviética. Em 1939, mais de 500.000 tratores cortavam os campos, hoje existe mais de um milhão em atividade. Somente durante o ano passado, a indústria soviética entregou à agricultura mais de 2 milhões de tratores, segadoras combinadas, caminhões e outras máquinas agrícolas.

No pavilhão de «Mecanização e Eletrificação», que compreende 26 salões e 12 stands ao ar livre, estão expostos 1.200 tipos diferentes de máquinas agrícolas criadas na U.R.S.S., entre as quais 15 marcas de tratores modernos, 219 máquinas de semear e 204 máquinas de colher.

Falando da Exposição, disse o diretor da Estação Experimental Agrícola do Canadá, Edward Hopkins: «Expresso a opinião geral da delegação canadense, ao dizer que a Exposição Agrícola da U.R.S.S. nos cativou no sentido pleno da palavra. É difícil inclusive comparar esta Exposição com algo visto anteriormente, já que tudo o mais empalidece diante da grandza, da graça e da beleza do que nos foi dado contemplar aqui em Moscou».

A experiência da greve da Leopoldina

Patrimônio Comum De Todos os Trabalhadores

A última grande greve deflagrada pelos ferroviários da Leopoldina constitui uma expressiva demonstração de que a classe operária, atuando unida, defende com êxito seus direitos e conquistas e pode derrotar a política antidemocrática do governo de Café Filho. A história dessa greve é rica de ensinamentos para todos os trabalhadores. A luta dos ferroviários da Leopoldina em defesa de seu sindicato, da liberdade sindical e dos direitos constitucionais, que prossegue hoje, é a mesma luta que vem sendo travada pelas grandes massas trabalhadoras do país.

O caminho da luta

A greve da Leopoldina teve como objetivo a conquista de duas reivindicações básicas, que uniam os 14 mil empregados da empresa: o recebimento do salário-mínimo e o pagamento dos adicionais por tempo de serviço. Antes de entrar em greve, os ferroviários, através de seu Sindicato, pleitearam seus direitos pacientemente junto ao Ministério do Trabalho e à direção da Estrada. As respostas eram sempre as mesmas — «o problema está em estudo». Até que os ferroviários, esgotada a paciência, se convenceram de que só poderiam obter êxito através da luta. Esta convicção foi reforçada com a greve de uma hora para o pagamento do salário em dia, plenamente vitoriosa.

Confiantes em suas forças, os ferroviários deliberaram fazer uma greve de 24 horas, a 10 de agosto, a fim de obterem do governo o compromisso de pagar o salário-mínimo. No dia aprazado, o governo liberou a verba para o salário-mínimo e o diretor da estrada comprometeu-se a marcar o dia do pagamento. A greve foi adlada.

A conquista do salário-mínimo

Veio o golpe de 24 de agosto e o governo de Café, desmascarando-se desde logo como inimigo da classe operária, desobrigou-se dos compromissos assumidos pelo governo anterior com os ferroviários. Estes, porém, através da luta grevista, souberam fazer respeitar seus direitos. Ante a unidade e a disposição de luta dos ferroviários, o governo procurou inicialmente ma-

nobrar, fazendo uma primeira concessão: liberou a verba para o pagamento dos adicionais. A manobra não surtiu efeito e o governo foi obrigado a assinar um decreto de salário-mínimo que, beneficiou a todos os ferroviários do país, o pessoal de obras, os operários do D.N.E.R. e, o que é importante, significava o reconhecimento do direito dos ferroviários a receberem o salário-mínimo.

Novas experiências

A greve dos ferroviários da Leopoldina contribuiu com novas experiências para o movimento sindical. Os ferroviários, conhecedores dos propósitos fascistas do governo e alertados pelo brutal ataque policial ao sindicato da Carris do Rio de Janeiro, tomaram medidas para defender-se dos golpes governamentais. Assim, a hora de início do movimento foi antecipada e a intervenção militar, marcada para as 20 horas, na suposição de que o movimento eclodiria às 24 horas, caiu no vazio. O governo ficou colocado ante a greve de fato, o que muito contribuiu para a desmoralização do velho chapão de que a greve era «ilegal».

Tendo tomado todas as medidas para que os dirigentes da greve não fossem presos, os ferroviários, além de escolherem as comissões de greve em todos os locais de trabalho, combinaram uma senha, de tal forma que somente com o emprego dessa senha voltariam ao trabalho.

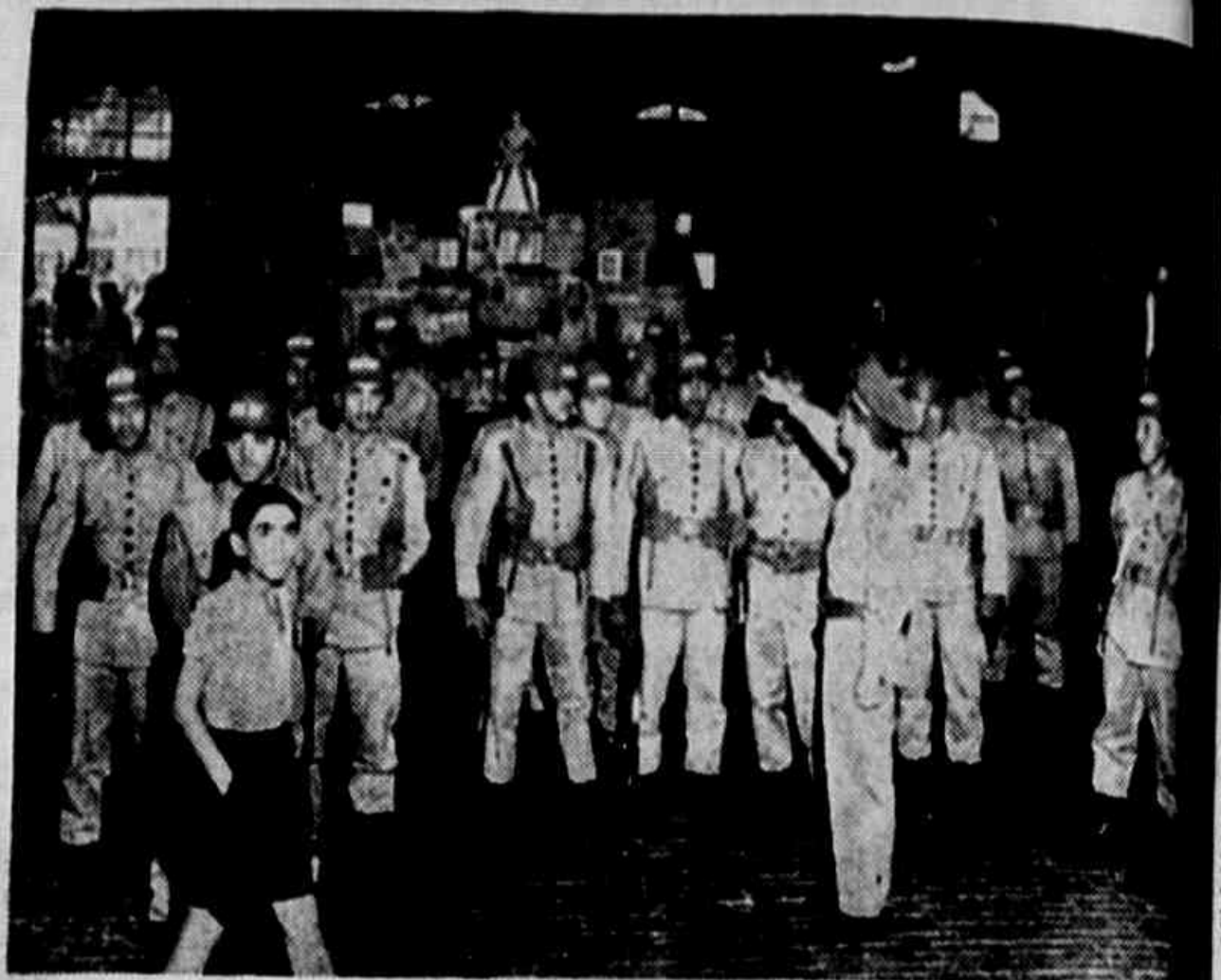
Medida importante adotada pelos grevistas foi a de não perder o contacto com a direção da empresa e o próprio Ministério do Trabalho, a fim de, a qualquer

momento, entrar em entendimento para a solução da greve. Graças a isso, logo que foi publicada a portaria ministerial intervindo no Sindicato, o presidente foi entender-se diretamente com o ministro, que se recusou a recebê-lo.

Outra medida ainda para evitar que a greve fosse furada: o pessoal dos transportes não deve aparecer, evitando de serem presos e obrigados a trabalhar. A polícia procurou-os nas residências e se não tivesse sido adotada aquela medida teria acontecido o mesmo que se passou com os ferroviários da Central, que foram presos e obrigados a trabalhar na Leopoldina.

A atuação das mulheres

Na greve, tiveram destacada atuação as mulheres dos ferroviários, como já havia sucedido, aliás, no movimento da Rêde Mineira de Viação. As companheiras dos trabalhadores, por exemplo, organizadas em comissões, ajudaram muito na luta por despertar a solidariedade aos grevistas. Com esse objetivo, percorreram inclusive as redações dos jornais do Rio. Mas onde a disposição combativa das mulheres atingiu seu ponto mais alto, foi na concentração de Imbitiba, em Macaé. Ali, organizadas em comissões, as companheiras dos ferroviários neutralizaram a ação dos poucos fura-greves sugidos. Conseguiram convencer a um maquinista de um trem vindo de Campos de que não devia furar a greve, mostrando-lhe que ele estava prejudicando as famílias de 14.000 ferroviários. «Se você está disposto a prejudicar as famílias dos ferroviários, então terá de



A gare Barão de Mauá foi transformada em praça de guerra pelo governo, durante a greve da Leopoldina. Os ferroviários da Leopoldina enriqueceram a experiência do proletariado brasileiro na luta pelo direito de greve e contra as violências da reação. As medidas por eles tomadas anularam os efeitos do aparato bélico de Juarez-Café-Napoleão.

começar por nós, pois estamos dispostas a sentarmos nos trilhos e você terá de passar por cima». Diante da firmeza das mulheres, o antigo furador de greve recolheu a máquina ao depósito e nem quando a polícia o procurou, oferecendo-lhe proteção, ele quis voltar ao trabalho.

Neste mesmo lugar, o delegado e o capitão comandante do forte não conseguiram impedir a ação dos piquetes, os quais fizeram com que muitos ferroviários, enganados de início pela polícia, se recusassem a furar o movimento. Isso deixou o tal capitão furioso por não ter logrado cum-

prir sua promessa de fazer correr os trens. Aliás, a meza dos ferroviários foi tensiva a toda a ferrovia. Até mesmo em locais que revelaram «pontos fracos» nas greves anteriores — como Bicas ou Cachoeira Macacu — os trabalhadores deram mostra de disposição de luta e consciência de classe.

Vitória da organização

A greve de setembro veio mostrar que se eleva o nível da compreensão que a classe operária tem de sua força, veio mostrar que a vitória depende do grau de organização. Os ferroviários de todo o país, seguindo o exemplo de seus irmãos da Leopoldina, serão vitoriosos na luta contra o decreto fascista 240 que proibe a sindicalização dos ferroviários.

As reivindicações econômicas da greve foram vitoriosas. Agora a luta se eleva no terreno político, contra a intervenção, pela liberdade e autonomia sindical. Esse objetivo une os ferroviários da Leopoldina e lhes assegura a ativa solidariedade dos seus irmãos ferroviários de todo o país de toda a classe operária.

VIDA DOS PARTIDOS COMUNISTAS

V CONGRESSO DO P.C. DA ESPANHA

REALIZOU-SE, de 1 a 5 de novembro, o V Congresso do Partido Comunista da Espanha. Participaram do Congresso delegados de todas as regiões da Espanha e uma delegação do Partido Socialista Unificado da Catalunha.

Foi a seguinte a ordem-do-dia:
1) Informe do C. C. pela camarada Dolores Ibarruri;
2) Informe sobre o Programa do Partido pelo camarada Vicente Uribe;
3) Informe sobre os Estatutos do Partido e questões de organização pelo camarada Santiago Carrillo;
4) Eleição do Comitê Central.

O Congresso aprovou por unanimidade e Informe da camarada Dolores Ibarruri e o Programa do P. C. da Espanha, programa de luta pela independência e a democratização da Espanha, pela melhoria radical das condições de vida do povo espanhol. Foram também aprovados os novos Estatutos do Partido.

Em sua primeira reunião, o C. C. eleito pelo Congresso elegeu por unanimidade a camarada Dolores Ibarruri para Secretário-Geral. O novo Birô Político ficou integrado pelos camaradas Santiago Carrillo, Fernando Claudin, Manuel Cristobal, Manuel Delicado, Ignacio Gallego, Enrique Lister, Antônio Mije e Vicente Uribe.



Dolores Ibarruri

MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA ARGELINO

O Birô Político do Partido Comunista Argelino lançou um manifesto denunciando a onda de terror fascista lançada pelos colonialistas franceses contra o povo argelino. Os atuais acontecimentos, diz o manifesto, «são o fruto da política colonialista de opressão nacional, de liquidação das liberdades e de exploração com suas conseqüências: o racismo desenfreado, o crescimento da miséria e o desemprego forçado».

O P. C. Argelino «conclama todos os patriotas, todos os democratas muçulmanos e europeus a se unirem na luta pela cessação da repressão efetuada pela administração colonial, pela libertação de todas as pessoas progressistas, democratas e ativistas sindicais arbitrariamente presos e pela aplicação de uma nova política que rompa com a «política de forças» que permita satisfazer as justas e legítimas aspirações do povo argelino.»

Pleno do C.C. do P.C. da Holanda

O PLENO do Comitê Central do Partido Comunista da Holanda, há pouco realizado, deliberou convocar o XVII Congresso do Partido para os dias 9, 10 e 11 de abril de 1955.

O camarada Harry Verhey, secretário do C. C., falou sobre a luta contra os acordos de Londres das potências ocidentais. Em seu discurso de encerramento, o camarada Paul de Groot, secretário-geral, exortou os comunistas a mobilizar todas as suas forças para a batalha contra o ressurgimento do militarismo alemão. Destacando a necessidade de movimentar as organizações sindicais contra o rearmamento da Alemanha Ocidental, acentuou que, mais do que nunca, é preciso a unidade de ação com os socialistas.

AMPLA APOIO AO II CONGRESSO Nacional Dos Servidores Públicos

MAIS de mil delegados, vindos de todo o país, reunir-se-ão no próximo II Congresso Nacional de Servidores Públicos, a instalar-se no próximo dia 29 no grande auditório do Parque Ibirapuera, em São Paulo.

As diversas delegações eleitas nos Estados já afluem para a capital bandeirante, acorrendo ao chamado da convocação da União Nacional dos Servidores Públicos.

Numerosos e importantes problemas preocupam os servidores públicos, que se congregam cada vez mais estreitamente em torno da combativa UNSP. E' por meio da organização, da luta, da unidade de ação que milhares de barnabés de todo o Brasil podem enfrentar esta situação em que o governo restringe cada vez mais os direitos dos cidadãos e pretende reduzir a nada as conquistas já alcançadas por nosso povo. Ao exigir que «apertemos o cinto» em benefício dos lucros máximos dos trustes americanos, o governo golpeia friamente as reivindicações

dos barnabés, vítimas que ele tem mais à mão.

Entre outros problemas a serem debatidos no II Congresso Nacional de Servidores Públicos destacam-se a campanha pelo aumento imediato e a urgente aprovação do plano de reclassificação, o projeto 4.844 já enviado à Câmara dos Deputados, a inclusão dos servidores previdenciários nesse plano, etc., bem como a coordenação e o desenvolvimento da luta nos Estados e Municípios.

O Congresso dos barnabés de todo o Brasil foi incluído oficialmente no programa comemorativo do IV Centenário de São Paulo, onde os delegados terão estadia, alimentação e transporte para o local do Congresso gratuitos.

A iniciativa da realização do Congresso vem ao encontro dos desejos e necessidades do funcionalismo de todas as categorias. Por isso mesmo despertou a iniciativa dos servidores em inúmeros municípios, onde eles se reuniram e continuam se reunindo para debater seus problemas, eleger e enviar seus delegados ao congresso.

ABAIXO A CARESTIA!

COMO EXIGIR O CONGELAMENTO DOS PREÇOS

Dia a dia torna-se mais insuportável a carestia. Os preços dos gêneros e artigos de primeira necessidade só fazem subir. O dinheiro se desvaloriza e é cada vez menor a quantidade de mercadorias que o povo pode comprar. Diante dessa verdadeira calamidade, o governo nada faz. Pelo contrário, são os próprios órgãos oficiais, como a COFAP, que se encarregam de aumentar sistematicamente os preços. O governo de Café Filho e Gudin provoca a carestia, fazendo a política dos imperialistas americanos, adotando medidas tais como a retração do crédito, o aumento dos impostos, o desvio de verbas para despesas de guerra e repressão contra o povo, etc. O governo, constituído de agentes dos trustes americanos, só intervém para favorecer os tubarões.

Mas o povo não está disposto a se deixar matar de fome e luta pelo barateamento do custo da vida e o congelamento dos preços dos artigos de primeira-necessidade: Como evitar que os preços subam cada vez mais? A própria experiência das lutas populares que se vêm travando no país indica as formas concretas e eficazes de combater a carestia e impor aos governantes o congelamento dos preços.

LUTA PELO AUMENTO DE SALÁRIOS E VENCIMENTOS

Enquanto os preços sobem, os salários e ordenados marcam passo. Os trabalhadores, empregados e funcionários, ao reivindicarem aumento, lutam concretamente contra a carestia, exigem que seja mantido e aumentado o seu baixíssimo poder de compra, o que só poderá favorecer a economia nacional.

CONTRA O AUMENTO DOS ALUGUÊIS

A campanha do memorial das donas de casa e dos inquilinos cariocas contra a revogação da lei do inquilinato mostrou que o povo organizado é mais forte que os tubarões. O governo teve de ceder, mas somente a ação organizada de milhares e milhares de inquilinos poderá impedir o aumento contínuo do custo da moradia.

CONTRA O AUMENTO DAS PASSAGENS

O povo pode barrar a majoração dos preços das passagens dos ônibus, bondes e trens, protestando nas ruas e estações, realizando a campanha do boicote aos novos preços e exigindo o seu abatimento, como o fizeram os estudantes de Recife, que conquistaram os 50% e hoje voltam à luta para mantê-los.

BOICOTE AO AUMENTO DOS PREÇOS DOS CINEMAS

A campanha dos estudantes e jovens do Distrito Federal contra o aumento dos ingressos nos cinemas e pelo abatimento de 50% nas entradas é uma campanha contra a carestia, uma luta concreta pelo congelamento.



EXIGIR O REATAMENTO DE RELAÇÕES COM A U.R.S.S.

A exigência das massas populares e de largos círculos da lavoura, do comércio e da indústria em favor de relações com a U.R.S.S. e as democracias populares é uma importante luta contra a carestia, já que essa medida irá aliviar a situação da economia nacional e contribuir para o barateamento do pão e de outros artigos.



RESISTENCIA AO AUMENTO DOS IMPOSTOS

A majoração dos impostos, particularmente do imposto de consumo, é um novo confisco dos ordenados e salários. Os trabalhadores e o povo, com a participação de setores do comércio e da indústria, podem impedir que os impostos aumentem e obter sua rebaixa, exigindo que sejam taxados os trustes americanos e os lucros extraordinários dos grandes tubarões.

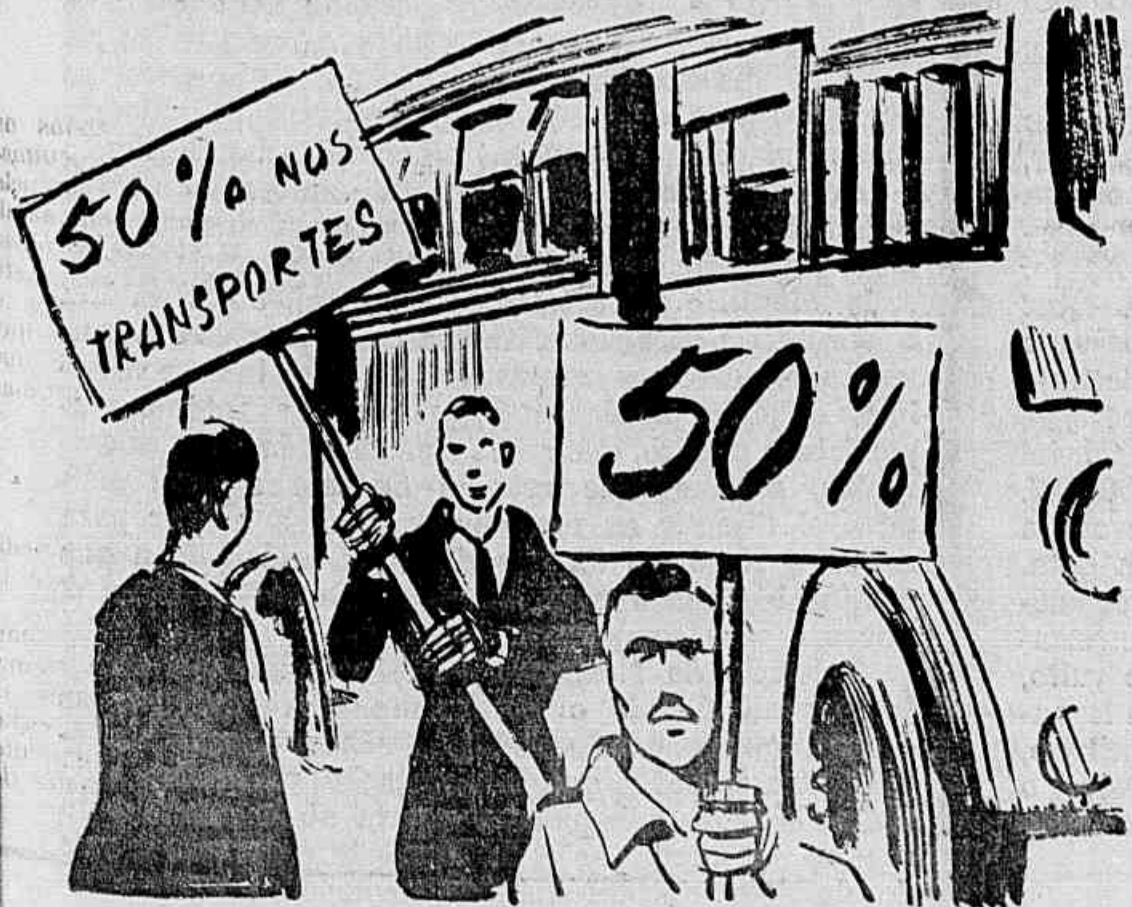


GRANDES DEMONSTRAÇÕES DE MASSAS E GRANDES GREVES DE PROTESTO PELO CONGELAMENTO DOS PREÇOS

A GREVE GERAL do Rio Grande do Sul, a grande greve de advertência dos trabalhadores de São Paulo e outras demonstrações realizadas no país atestam que o povo poderá impor o congelamento, cortar as asas dos sanguessugas do Brasil. Os sindicatos operários, associações femininas, juvenis, organizações de camponeses e profissionais — em suma, tôdas as entidades democráticas e patriotas unidas em ação comum, juntamente com todo o povo — podem exigir e conquistar uma mudança na situação. Que o governo intervenha — através da COFAP e por outros meios — mas não para aumentar os preços, mas para IMPEDIR QUALQUER NOVO AUMENTO, POR MENOR QUE SEJA.

PELO CONGELAMENTO DOS GÊNEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

ABAIXO A CARESTIA! ABAIXO OS ESFOMEADORES DO POVO!





Flagrantes de uma reunião promovida pela Liga da Emancipação Nacional, na Associação dos Empregados do Comércio, em Salvador. Presidindo os trabalhos, vê-se o professor Edvaldo Santos Lopes, prefeito de Irecê, ladeado pelo engenheiro Jorge Oliveira, agrônomo Gastão Lavigne, professor Afrânio Lara, professor Walmor Barreto, engenheiro Carlos Ventura de Cerqueira, dr. Manoel Jerônimo Ferreira, dr. Tibúrcio Barros. Falando, o major Napoleão Bezerra, do Diretório Nacional da Liga da Emancipação Nacional, quando abordava os problemas do nordeste

UM ÚNICO SENTIMENTO EMPOLGA MILHÕES DE NORDESTINOS:

Salvação do Nordeste!

Sob a bandeira da Liga da Emancipação Nacional, lutam os patriotas para impedir a entrega de Paulo Afonso aos americanos

ENTRE os problemas que mais afetam a economia do Nordeste e a vida das cidades nordestinas está o da falta de energia abundante e barata. Salvador, Recife e outras cidades do Nordeste utilizam luz e força fornecidas pelo truste americano Electric Bond & Share. O truste mantém ali o mesmo sistema de suas filiais em outros Estados, o mesmo sistema da Light no Rio e em São Paulo: controle monopolista, energia cara e racionalizada, produzida por instalações antieconômicas, tudo visando a obter lucros máximos. Dessa forma, a Bond & Share domina a economia nordestina, agravando cada vez mais os agudos pro-

blemas com que se defronta. O domínio da Bond & Share torna impossível o desenvolvimento da indústria. Mais ainda, vem determinando o fechamento de fábricas no Nordeste. Segundo denúncia do senhor Barreto Filho, numa reunião promovida pela Liga da Emancipação Nacional, o fornecimento de energia a Salvador pela Companhia Energia Elétrica da Bahia (Bond & Share) diminuiu, nos últimos dois anos, de mais de 50%, determinando o fechamento de empresas na capital baiana e acarretando, em consequência, o desemprego e a miséria para milhares de famílias.

Uma solução... para os ianques

E a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, com seu enorme potencial de energia? Eis a "solução", apontada por muitos entre gritos de alegria. De fato, a estação elétrica construída na Cachoeira de Paulo Afonso poderá contribuir para aliviar a situação de carência de energia e abrir novas possibilidades às indústrias locais. Mas, para tanto, terá de ser utilizada realmente em benefício do Nordeste e de seu povo. E não é isso que sucede atualmente.

Quando a Hidrelétrica do São Francisco se encontrava em início de construção, o governo (no qual figurava o sr. Raul Fernandes, advogado da Bond and Share) obteve um empréstimo nos Estados Unidos. Mas os banqueiros americanos não empregam seu dinheiro para

ajudar a emancipar o Brasil e, sim, para escravizá-lo ainda mais. Em troca de 15 milhões de dólares, uma pequena parte do custo da obra, obtiveram a entrega à Bond and Share da distribuição da energia produzida em Paulo Afonso. Com isso, o truste fortaleceu ainda mais seu domínio sobre o Nordeste e o Brasil e obteve para si um dos negócios mais lucrativos do mundo, que lhe renderá milhões, como se verá pela demonstração abaixo.

Impedir o crime! — conclama a L. E. N.

A entrega da usina de Paulo Afonso aos tubarões da Bond and Share é um crime de lesa-pátria que o governo de Café Filho, Juares, Gudin, Fernandes e Cia. pretende consumir para melhor servir a seus amos dos Estados Unidos. Contra esse crime levanta-se o clamor dos patriotas do Nordeste e o apelo público de todo

o país. Industriais, comerciantes, lavradores e o povo em geral dos Estados nordestinos exigem que a Hidrelétrica de São Francisco funcione em benefício da região e não como instrumento de escravização do Brasil aos trustes ianques.

A usina de Paulo Afonso começará a funcionar dentro de poucos dias e este é um dos problemas que preocupam a opinião pública do Nordeste. A luta pelo aproveitamento da usina de Paulo Afonso em benefício da economia nordestina, sem privilégios nem discriminações, já vem sendo travada pela Liga da Emancipação Nacional, desde sua fundação. As discussões e palestras realizadas recentemente pelo major Napoleão Bezerra, membro do Diretório Nacional da Liga, em Salvador, Ilhéus, Recife, João Pessoa, Maceló e Aracaju encontram enorme repercussão entre diversos setores do comércio e da indústria e no seio do povo.

O ROUBO A DESCOBERTO

Tomemos o exemplo da Bahia. Aí, a C.E.E.B. (subsidiária da Bond & Share), receberá, de início 30.000 KW. para revender aos consumidores, correndo todas as despesas de transporte da energia, estações abaixadoras, etc., por conta da Hidrelétrica do São Francisco (CHESF). Quanto pagará a C.E.E.B. por esses 30.000 KW? Pagará de acordo com a tabela seguinte:

- a Cr\$ 95,00 os primeiros 1.000 KW.
- a Cr\$ 85,00 os seguintes 5.000 KW.
- a Cr\$ 60,00 os seguintes 20.000 KW.
- a Cr\$ 35,00 os restantes.

Além disso, a C.E.E.B. pagará à CHEFS, de Cr\$ 0,40 a Cr\$ 10,00 por KWH. consumido (quiloate-horas — KWH — é o trabalho de 1 KW em uma hora).

Sabendo-se que a C.E.E.B. vai ter à sua disposição 30.000 KW. e que o consumo mensal na Bahia está avaliado em 11 milhões de KWH., é fácil calcular quanto a Bond & Share vai pagar à CHEFS: um total de Cr\$ 4.310.000,00.

E quanto lucrará o truste? Na base das tarifas atuais lucrará Cr\$ 3.940.000,00 líquidos, isto é,

quase 100%. Mas o truste já está tratando de aumentar as tarifas e, para isso, conta com o seu próprio diretor no Ministério da Fazenda, Eugênio Gudin. A COFAP, como não podia deixar de ser, já concordou com o aumento e está em curso uma campanha de imprensa para «provar» que a energia de Paulo Afonso é excessivamente cara. Assim, seus lucros aumentarão muito mais. E a estes serão somados os que obterá em outras capitais nordestinas (20.000 KW., para começar, no Recife). Em suma, os americanos terão à sua disposição para revender com enormes lucros um potencial de 120.000 KW. em fins deste ano e de 180.000 KW. em 1 de julho de 1955, que a tanto se elevará a capacidade da usina de Paulo Afonso, nesta data. E tudo isso sem empregar capitais, os célebres «dólares» de que tanto falam os agentes do imperialismo americano, dispendo de instalações de vulto, que eles jamais construiriam, mas que foram levantadas com o dinheiro arrancado ao povo brasileiro, que terá de pagar com juros altos inclusive o empréstimo de 15 milhões de dólares contraído inicialmente com os banqueiros ianques!

Pela salvação do Nordeste!

Juntamente com o problema da carência de energia elétrica e a luta contra o assalto da Bond & Share, outras questões igualmente graves se encontram na ordem-do-dia nos Estados nordestinos: a ausência de mercados para os produtos de exportação, a situação das populações camponesas submetidas ao latifúndio e flageladas pelas secas, o crescente aumento do custo da vida levando a fome a milhões de nordestinos, os índices realmente assustadores a que atingem a mortalidade infantil e a mortalidade em geral, e outras. Em consequência da ação patriótica da Liga, cresce a convicção, em diversos setores, de que, para lutar pela solução daqueles problemas, cumpre levar avante um amplo debate público, que reúna elementos de todas as correntes, uma grande reunião durante a qual será possível discutir as medidas práticas a adotar para salvar o Nordeste da miséria e da catástrofe a que o estão levando o governo «maravilhoso» da Bond & Share e seus comparsas.

Salvação do Nordeste: — este é, aliás, o termo justo para definir o movimento patriótico que se esboça, sob a bandeira da Liga da Emancipação Nacional, para impedir que a população nordestina seja dizimada pelas calamidades e para abrir caminho no sentido da emancipação do Nordeste e de todo o país do domínio insuportável dos monopólios norte-americanos!